



K-Pop no Centro Cultural São Paulo:

uma K-Zine para transcriar a festa



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC-SP)

Victória Elisabete Saggal Cassolini

K-Pop no Centro Cultural São
Paulo: uma K-Zine para transcriar
a festa

TCC em Comunicação das Artes do Corpo

Projeto apresentado à Banca
Examinadora Judson Cabral
e Zé Maurício, sob
orientação da Prof^a. Dr^a.
Christine Greiner.

Uma História de Amigas

Meu primeiro contato com o **K-Pop** foi em 2017. Foram **minhas amigas** que me apresentaram esse movimento. O entusiasmo delas ao compartilhar suas percepções sobre o assunto, me instigou a procurar mais sobre o assunto. Os primeiros **MV's** (music videos) que assisti foram **Blood Sweat and Tears** e **BOOMBAYAH**, respectivamente dos grupos **BTS** e **Blackpink**.

Lembro que a minha primeira impressão foi a de estar lidando com uma **nova proposta audiovisual**, na qual a **melodia ousada** se misturava com uma **autenticidade coreográfica e visual**, abrindo inúmeras **possibilidades** para uma adolescente de quase 15 anos, ainda em processo de formação.

A partir deste momento, comecei a acessar novos grupos, músicas, danças, amigas, lugares, e cheguei finalmente ao **Centro Cultural São Paulo**. Embora este local exista há muitas décadas (1982) e tenha abrigado inúmeras manifestações e eventos de linguagens diversas (**dança, teatro, música, cinema** e assim por diante); acabou se tornando um ponto de encontro para comunidades **cover de K-Pop**, como vou detalhar adiante.



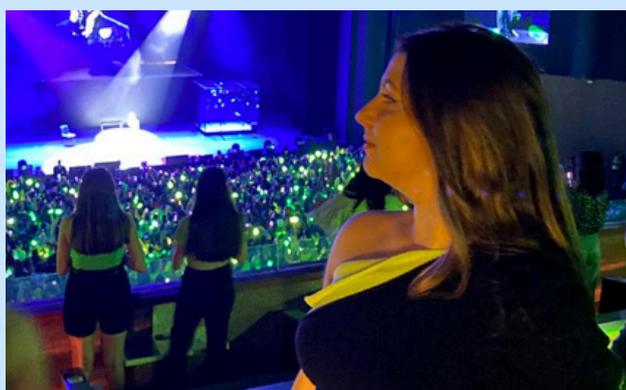
Fonte: YouTube, 2016.



Fonte: YouTube, 2016.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.



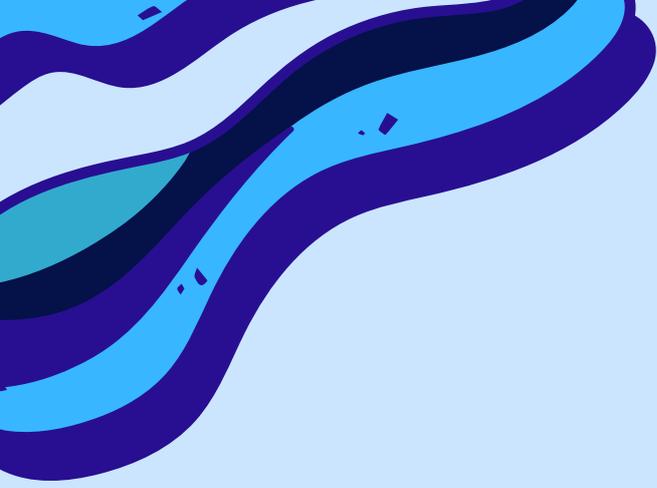
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

Observar toda essa movimentação de dança, os covers e as conversas sobre K-Pop, tornou-se um dos meus **passatempos prediletos** nos finais de semana. E foi assim que surgiu meu interesse pela dança de uma maneira mais ampla, não apenas pelos dançarinos K-Pop. Mais do que um hobby, acabou se tornando um **projeto de vida**.

Ingressei no Curso de **Comunicação das Artes do Corpo** na **PUC-SP** em 2021, onde para além da prática, fui provocada a olhar para esse **corpo que dança**. No curso, descobri que corpo não é algo neutro ou universal, mas sim um sistema aberto (corpomídia) que está o tempo todo em constituição.

Com essa nova visão da dança e do corpo e muito tomada pela experiência que tive em um Show de K-Pop em 2023, do grupo **NCT127**, decidi levar o tema para a universidade e assim nasceu esta pesquisa.

A ideia de pensar uma **fanzine** ao invés de uma monografia, surgiu porque os movimentos K-Pop parecem ter a mesma natureza da fanzine, que normalmente é uma **publicação alternativa** e **concebida por fãs**.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Fonte: Acervo pessoal da autora.





Perguntas que dançam a partir das pesquisas consultadas

Ao entrar para a universidade e começar a pensar a dança para além do entretenimento, muitas perguntas começaram a surgir.

Existe, por exemplo, um **deslocamento urbano** que a prática do K Pop promove, ou seja, as pessoas saem de suas casas nas periferias e percorrem um longo trajeto para se encontrar em grupos no Centro Cultural São Paulo.

Trata-se de uma experiência que promove uma aliança indissociável entre **dança e espaço urbano**, a partir do âmbito da troca entre a prática artística e o lugar onde ela pode ser exercida.

No curso de Comunicação das Artes do Corpo, estudei a **teoria corpomídia**, proposta pelas professoras **Christine Greiner e Helena Katz**. De certa forma, essa teoria me ajuda a perceber como o corpo e a dança não se constituem sem as **contaminações com o ambiente**. No caso de algumas danças, o ambiente urbano torna-se a ignição principal. São as questões sociais e políticas da cidade e dos modos de vida que impactam o fazer/criar a dança. Neste sentido, mesmo que existam passos e uma estética dada a priori, característica do K Pop, notam-se singularidades nos corpos que performam o K Pop no Brasil e, especificamente, no CCSP.

Mais do que o entretenimento, a questão é poder ocupar um lugar reivindicando algo que se quer fazer.

Como me disse durante uma conversa, o professor **Judson Cabral**, “o direito à cultura é o direito à cidade”.

Nessa caminhada, passei a ter contato com autores e leituras muito interessantes, a primeira delas, antecedendo até mesmo meu processo de graduação, foi a do livro, do qual fui carinhosamente presenteada pelos meus amigos, **K-pop Manual de Sobrevivência**¹. O que me chama atenção é a forma simples como ele convoca as pessoas a conhecer a história, cultura e indústria de entretenimento sul coreana. Entrei também em contato com uma dissertação de mestrado de Pós-graduação em Antropologia Social do Departamento de Antropologia, da FFLCH-USP, escrita por Thiago Haruo Santos, **“Idols em Imagens e Som, Fãs em Re-ação, Uma Etnografia da Prática Musical do K-Pop em São Paulo”**². Nesta pesquisa, o autor analisa como os vídeos e coreografias afetam os fãs do gênero musical construindo relações com o seu entorno.

Além disso, para essa pesquisa achei importante estar em contato com o livro de Said **Orientalismo, o Oriente como Invenção do Ocidente**³ (1978) para entender o quanto esse olhar para a cultura coreana aqui no Brasil está inserido nesse debate sobre os “orientalismos”. Na obra organizada por Greiner, Souza e Faro, **Novos Orientalismos e Micropolíticas Anticoloniais**⁴ (2023) é evidenciado que Orientalismo é um termo, ao mesmo tempo, simples e complexo.

Como prática acadêmica nasceu em centros de aprendizagem anglo-europeus e em seus postos coloniais, no final do século XVIII, quando o estudo de aspectos selecionados de determinadas sociedades do Oriente. Nessa época, o número de anglo-europeus fazendo pesquisas sobre o Oriente aumentou drasticamente e novas formas de apoio institucional em universidades e associações acadêmicas encorajaram esses estudos e sua disseminação. Como disciplina, incluía o estudo das línguas, literaturas, religiões, filosofias, histórias, artes e leis de antigas sociedades orientais e também serviu de inspiração para círculos intelectuais e artísticos na Europa e na América do Norte, sendo um termo usado para denotar o entusiasmo por coisas orientais. Reuniu pesquisas de diferentes autores nas línguas francesa, inglesa e alemã, abrangendo uma ampla área geopolítica que atravessava o Mediterrâneo, do norte da África ao leste e sudeste asiático. Na esteira dessa rota, estudiosos e artistas adotaram percepções sobre sociedades, artes e tradições e acabaram fomentando uma série de entendimentos (e desentendimentos) sobre o Oriente.

Said constatou **discursos hegemônicos** que serviram aos interesses geopolíticos anglo-europeus, promovendo uma vasta produção de textos acadêmicos, literários, oficiais e religiosos. Essas narrativas e metáforas criaram um imaginário distorcido do Oriente, submetendo-o às identidades preconcebidas do outro exótico, bárbaro e ameaçador que glorifica um Ocidente supostamente superior ao Oriente.

¹ DEWET, Babi; IMENES, Érika; PARK, Natália. K-Pop: Manual de Sobrevivência: (tudo o que você precisa saber sobre cultura pop coreana). Belo Horizonte: Gutenberg Editora, 2017.

² “Idols em Imagens e Som, Fãs em Re-ação, Uma Etnografia da Prática Musical do K-Pop em São Paulo”. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-10032017-143800/publico/2016_ThiagoHaruoSantos_VOrig.pdf

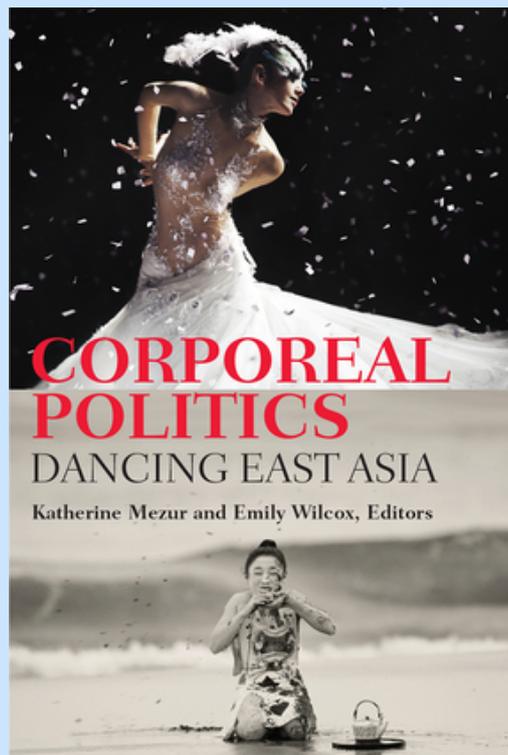
³ SAID, Edward. Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente. Nova edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

⁴ GREINER, Christine; SOUZA, Marco; PAULA FARO. Novos Orientalismos e Micropolíticas Anticoloniais. São Paulo: Annablume, 2022.

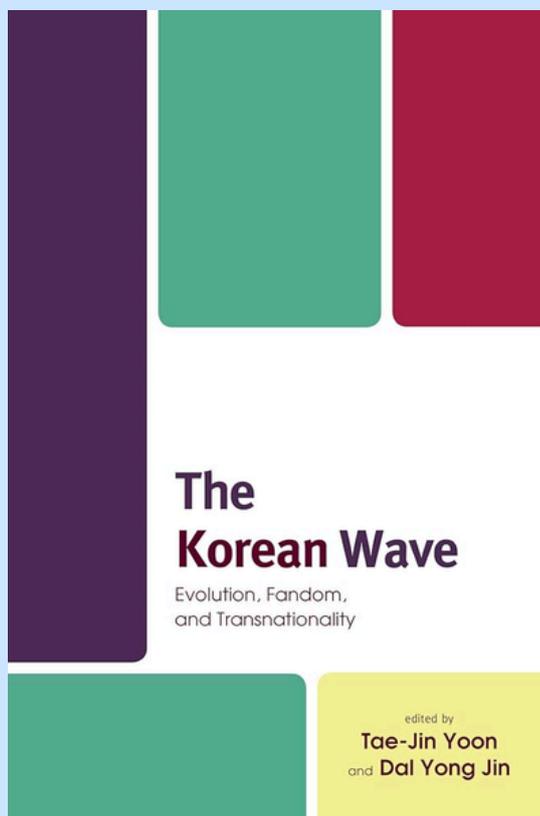


No entanto, mais recentemente, que é justamente o que aparece na coleção de ensaios de Greiner, Souza e Faro, há experiências que lidam com o Oriente imaginado, mas não como prática autoritária, e sim para buscar inspiração na alteridade.

Nessa mesma linha, a obra **“Corporeal politics: Dancing East Asia”**¹, de Katherine Mezur com Emily Wilcox sugere um olhar crítico e não hegemônico para a dança no Leste da Ásia, afirmando a importância dos diálogos e contaminações de experiências para as pessoas na China e seus vizinhos Japão e Coreia. Se no âmbito político há traumas de guerra entre esses três países, a arte parece converter esse passado turbulento em material de inspiração e criação.



Fonte: Fulcrum.org



Fonte: Amazon.com

A leitura da pesquisa **“K-Pop Dance: Fandoming Yourself on Social Media”**² da escritora Chuyun Oh, foi talvez, a minha principal fonte de estudo para entender as especificidades da dança no K-Pop, sua evolução e a presença entre os fãs nas mídias sociais, porque tratou especificamente deste movimento. Já o livro **“The Korean Wave Evolution, Fandom and Transnationality”**³ de Tae-Jin Yoon e Dal Young Jin ajudou a fundamentar a história da Hallyu e das novas características da Onda Coreana. Vale mencionar também a **tese de doutorado**⁴ de **Mariana Pacheco**, que fez um recorte mais específico pensando na Hallyu na Europa (especialmente na França) e depois no Brasil.

¹ MEZUR, Katherine; WILCOX, Emily. Corporeal Politics: Dancing East Asia. Michigan: University of Michigan Press, 2020.

² OH, Chuyun. K-Pop Dance: Fandoming Yourself on Social Media. Primeira Edição. Nova Iorque: Routledge, 2023.

³ YOON, Tae-Jin; DAL, Young Jin. The Korean Wave: Evolution, Fandom, and Transnationality. Estados Unidos: Lexington Books, 2017.

⁴ PACHECO, Mariana. O impacto da cultura pop coreana no ocidente: A juventude brasileira surfando na Onda Hallyu. Doutorado em Comunicação e Semiótica, 2024.

K-pop e Dança

K-Pop, como tem sido amplamente divulgado, é o termo abreviado de **South Korean Pop Music**, traduzido para o português, música pop sul coreana, ele é conhecido como um dos expoentes da **Hallyu** ou **Onda Coreana**, que seria o nome dado ao processo de disseminação dos bens culturais sul-coreanos.

Embora o objetivo desta fanzine não seja aprofundar a história do K-Pop (outros autores e autoras mencionados já o fizeram de maneira exemplar), vale comentar alguns aspectos.

Essa onda surgiu no fim dos **anos 1990** com o objetivo de dar **visibilidade** à Coreia do Sul e estabelecer as **relações econômicas** do país com o mundo através da estratégia denominada **soft power** que busca promover um país através da atração dos **bens culturais**.

Os maiores exemplos de propagação da Hallyu podem ser notados nos **seriados (K-dramas), na música (K-Pop), e na beleza (K-beauty)**. Conforme os fãs e consumidores difundem esses elementos culturais, mais a onda coreana ganha visibilidade e vai se **incorporando** nas diferentes **sociedades pelo mundo**. De acordo com o livro **“K-Pop Dance; Fandoming Yourself on Social Media”** (2022, página 59) o K-Pop é um gênero musical que relaciona **jazz, hip-hop, e o pop**, com elementos culturais sul coreanos, como por exemplo as músicas populares **gugak e pansori**. É importante ressaltar que o que conhecemos hoje como K-Pop vai muito além do cenário musical, se expandindo ao universo **audiovisual, da moda, e da dança**, que será o tópico alvo desta zine.

Chuyun Oh refere-se a dança K-Pop como uma **dança da mídia social**, o que significa que ela é popular entre a juventude e que é pensada para circulação nas redes sociais, portanto, podemos carregá-las em nossos smartphones e **levá-las para onde quisermos em nossos bolsos**.



Fonte: Korea JoongAng Daily

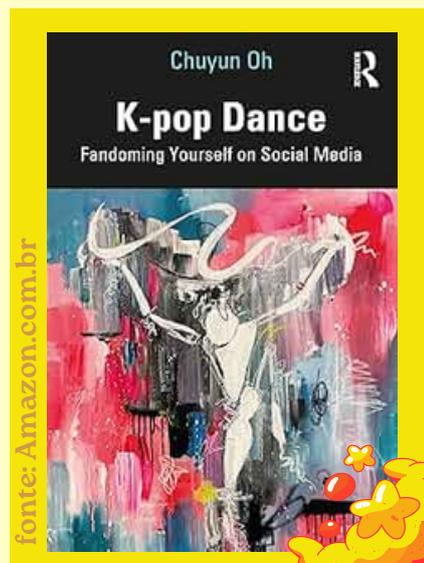


Fonte: Netizen Buzz



Fonte: Korea JoongAng Daily

“No século XXI, as **redes sociais** substituíram os **papéis tradicionais do teatro**. No passado, as pessoas socializam em salões de baile, clubes e bastidores. A juventude global socializa nas redes sociais, um palco para se apresentar e um backstage para socializar. O K-Pop é uma dança emergente nas redes sociais da juventude global que **adapta, distribui e reproduz** a dança através das redes sociais participativas.” (OH, Chuyung, 2023, p.14, tradução minha).



O K-pop transmitido nas redes suscita uma **aproximação diferente entre dançarino e plateia**, visto que as pessoas não precisam se dirigir ao teatro, as distâncias são encurtadas na palma da mão, como diz Oh, trata-se de uma dança de mídias sociais, que pode ser vista e copiada na palma da mão com um toque no celular.



fonte:f5.folha.uol.br

Isso traz modos distintos de perceber essa dança e seus movimentos.

Um dos elementos que caracteriza a dança K-Pop, por exemplo, é o **“gestual point choreography”** (coreografias de pontos gestuais), que são altamente memoráveis e geralmente **fáceis de reproduzir**, apresentando **movimentos curtos, frontais, e bidimensionais** compostos por movimentos visualmente limpos e sofisticados **focados na parte superior do corpo**, ou seja, **cintura, braços, peito, dedos, rosto, pescoço, ombros e cabelo**.



Fonte: Pinterest

A mim interessava também observar como a dança chegou nesse gesto. **Na década de 1980**, cantores e dançarinos coreanos abriram caminho para a dance music, partindo do **trot**, que é a música tradicional pop coreana desenvolvida desde a década de 1920. A década de 80 foi o auge dos grupos em empresas de transmissão como **KBS** (Korean Broadcasting System), **MBC** (Munhwa Broadcasting Corporation) e **SBS** (Seoul Broadcasting System). Os grupos consistiam em **dançarinos**, uma **orquestra** e **equipes de apoio**. Muitos cantores de K-pop começaram suas carreiras como **backdancers**.

Na década de 1990, a dance music se popularizou com **Seo Taiji and Boys**, um trio masculino que estreou em 1992, composto por **Seo Taiji, Yang Hyun-suk e Lee Juno**. Yang e Lee eram os coreógrafos do grupo, enquanto Seo compunha as músicas, eles criaram assim o status **“ídolos”**. Seo Taiji and Boys estabeleceu a fórmula da dança K-pop para videocliques, que com sua crescente popularidade ganhou mais visibilidade, e a música passou do rádio para a televisão. A estreia de Seo Taiji and Boys, com **“I Know”** (1992), foi feita através de um videoclipe centrado na dança, contendo uma **“point choreography”**, nesse caso popularizada como **“dança do tornado”** feita por Yang e Lee, onde eles alternam agilmente seus pés. O breakdance de Yang e Lee durante o refrão parece improvisado, e muda dependendo dos programas musicais em que se apresentaram. No entanto, a **“dança do tornado”** sempre foi fixa, com uma formação clara dos três. A estrutura de suas músicas consistia em uma **introdução de rap, melodia vocal e refrão cativante**. O videoclipe de **“I Know”** definiu a receita para o videoclipe de K-pop: fundos simples que destacam a dança dos cantores, cenários cinematográficos que combinam com as letras, trabalho de câmera que fazem a coreografia se destacar e ângulos de filmagem e edição que fazem o rosto do cantor parecer mais atraente.



Fonte: The Korea Times
(Lee Young-hwa, cantora da música Trot)



Fonte: Neon Museum
(The Kim Sisters, trio de música Trot)



Fonte: Youtube



Fonte: Youtube



Fonte: Korea Etour
(Seo Taiji and the boys, boygroup de 1992)



Fonte: Youtube



Fonte: UOF Horang



Fonte: KoreaIN
(Park J.Y., CEO da empresa JYP)



Fonte: Kpoping
(Lee Sooman, CEO da empresa SM)



Fonte: R7 Entretenimento
(Yang Hyun-suk CEO da empresa YG)

O grupo Super Junior Debutou em 2003 com 12 membros em sua formação. Na foto é possível ver a coreografia de "Sorry Sorry", uma das músicas de maior sucesso do grupo e da Ásia na época. O movimento com as mãos presente na imagem é um exemplo de gestural point choreography.

Na **década de 2000**, as três agências, **SM, YG e JYP**, estabeleceram seus estilos únicos. O fundador da SM, **Lee Soo-man**, era um ex-cantor. Normalmente, a SM é conhecida por performances organizadas, limpas e atraentes de ídolos perfeitamente polidos e parecidos com bonecas. **Yang Hyun-suk** do Seo Taiji and Boys fundou a YG, que é conhecida por suas adaptações do hip-hop e pelos estilos fortes, rebeldes e individualizados dos artistas. Fundada pelo dançarino, cantor e compositor **Park J.Y.**, a JYP geralmente apresenta R&B, baladas e dança pop e frequentemente enfatiza a individualidade ousada e a sensualidade. As principais agências estabeleceram mais firmemente seus sistemas de treinamento e expandiram seu mercado pela Ásia. Os ídolos começaram a ter seus teasers de MV exibidos em outdoors, filmes de sucesso, de Tóquio a Nova York. **O sistema de treinamento do K-pop inclui uma disciplina corporal rigorosa e sistemática desde a infância**, criando profissionais em um campo que requer o desenvolvimento de força física, versatilidade, resistência e flexibilidade desde cedo.

De **meados ao final dos anos 2000**, os backdancers desapareceram gradualmente à medida que o grande número de membros nos grupos passou a ocupar totalmente o palco. Nos anos 2000, o **"corpo K-pop"** ideal foi estabelecido, desde a funcionalidade (tipo de músculo, tamanho do corpo, peso e altura) até a visualidade (idade, pele, raça e gênero). À medida que isso se tornou padronizado em sua estética visual, a dança do K-pop se tornou menos sobre movimento e mais sobre o **"visual"**. Desde meados dos anos 2000, os ídolos padronizaram a fórmula de se mover chamando-a de **"knife-like"**, o que quer dizer que ela é tão clara e precisa quanto um corte de faca. A dança sincronizada em grupo maximizou o efeito da point choreography, que existe desde a década de 1980, mas claramente se tornou o símbolo da dança K-pop no final dos anos 2000. Point choreography evoluiu gradualmente para a **gestural point choreography**. A diferença entre elas é que a segunda destaca a parte superior do corpo e, portanto, a divide da parte inferior.



Fonte: Youtube, 2009.

Na **década de 2010**, antigos ídolos retornaram como **“diretores de performance”**. Eles projetam toda a apresentação, incluindo coreografia, expressões faciais, estilo, conceitos de videocliques e performances de palco. Esses diretores transformam um movimento tridimensional, feito em estúdio de dança por um dançarino, para uma coreografia de gestural point, bidimensional **feita para a câmera**. Com a ascensão das competições de dança, os backdancers voltaram ao K-pop com dançarinos multiétnicos e multirraciais. O tamanho da equipe aumentava a intensidade emocional e física da coreografia. Com o aumento do tamanho dos grupos, a **pose final** se tornou popular. No final da apresentação, os dançarinos esperam até que a câmera dê zoom no rosto de cada membro. A respiração pesada, os rostos suados e o contato visual intenso com a câmera atraem os fãs com entusiasmo devido ao apelo potencialmente sensual da pose. Os grupos de K-pop feminino e masculino na década de 2010 expandiram o fã clube de K-pop globalmente, tornando-o um produto **estrategicamente montado**, como um pacote de presente, que exibia vários encantos e identidades étnicas, raciais, nacionais e linguísticas, bem como elementos da moda, enquanto cultivava habilidades de composição coreográfica e dança. As legendas oficiais no idioma norte americano passaram a ser disponibilizadas nos videocliques do YouTube. O inglês passou a aparecer em títulos de músicas e nomes dos grupos, **tornando mais comum atingir públicos globais e ocidentais**.

A coreografia rapidamente se tornou um **investimento global**. A SM investiu mais de **\$100 milhões** para a performance do SHINee “Sherlock” (2013). No **final da década de 2010** até a década de 2020, os coreógrafos locais também prosperaram. Antigos ídolos retornaram como **“lendas”** para atuar em programas de TV. Grupos de dança underground de hip-hop, b-boys/girls e dançarinos de rua, que abriram caminho para a dança K-pop desde a década de 1980, ganharam batalhas internacionais de dança como **Red Bull BC One, Battle Of The Year e Keep on Dancing (KOD) Street Dance World Cup**.



Fonte: [Oddness/Weirdness](#)
(Performance de “Sherlock” do grupo SHINee)



Fonte: Saostar
(Jung Chaeyeon,
uma das primeiras
idols a ter uma
pose final)



Fonte: AconteceuBicas
(PSY, o ex-solista que abriu sua
própria empresa)



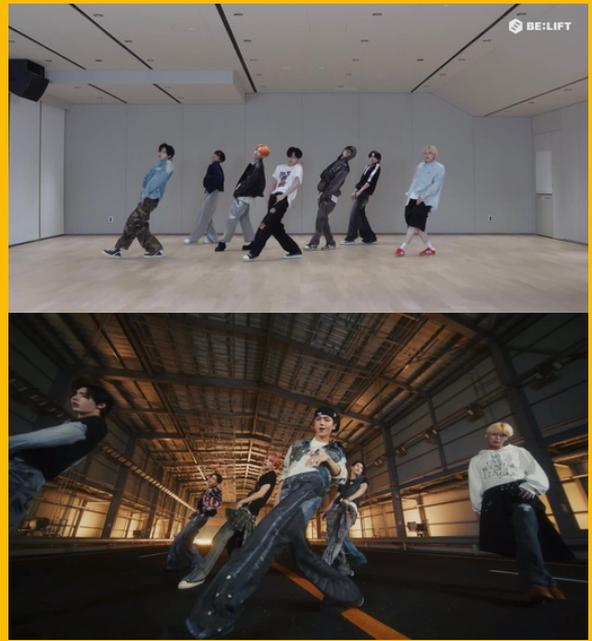
Fonte: Soundcloud
(Grupo BTS com seus backdancers no
clipe de “Not Today”)

Na **década de 2020**, a própria coreografia do K-pop se tornou o capital. Com a ascensão da dança como um gênero independente, os vídeos de dance practice (prática de dança) também evoluíram, inicialmente eles eram feitos com um ângulo relativamente fixo e mostravam dançarinos praticando em um estúdio. Depois surgiram os **Dance version vídeos, ou choreography vídeos**, que são mais formais que o anterior, porém minimalistas quando comparados aos videoclipes originais. Os dance version video compartilham coreografias completas sem a interrupção da história, cenário ou plano de fundo, e os cenários e figurinos lembram os originais dos videoclipes. Várias versões de vídeos de dança K-pop foram surgindo e aumentaram exponencialmente nas mídias sociais: **Dance version vídeos, vídeos da coreografia original, remakes, paródias, Random play dance, versão para ensaio, versão de break dance, dança ao reverso, dança cover, desafio de dança, tutorial de dança e muito mais.** Esse movimento demonstra como a dança K-pop fornece uma fonte para **divertir-se com a dança na mídia social, gerando um engajamento em escala global.** O aumento das colaborações virtuais mudou a definição de direitos autorais que antes pertenciam a um único coreógrafo, isso também mudou a estética da dança. Como foi o caso de **BTS em "My Universe" (2021) com o Coldplay, "Sour Candy" (2020) da Lady Gaga e do BLACKPINK, e "Hangover" (2014) do PSY com Snoop Dogg.** Seja para música ou dança, uma colaboração não requer mais um treinamento físico de meses juntos.

O que parece interessante neste processo é que a coreografia não é mais a invenção genial de um artista, mas uma criação global, coletiva e aberta. Além das múltiplas fontes, a imprevisibilidade no processo coreográfico pode ser uma razão pela qual as agências mal listam coreógrafos em seus créditos. Há razões comerciais para valorizar os grupos e as marcas que veiculam suas produções, mas ao mesmo tempo, o foco no coletivo traz uma potência política relevante.

Na transcrição do K-Pop para o Brasil, mais especificamente para São Paulo, a força coletiva e o foco no pertencimento à cidade, como mencionou Cabral, acabam fortalecendo um viés importante para a reverberação do K-Pop aqui e que extrapola apenas a questão do modismo.

Enhypen - Brought The Heat Back



Dance Practice x Dance Version Video
Fonte: Youtube, 2023.



Fonte: Youtube, 2024.



Fonte: Viva Coldplay.



Fonte: Youtube, 2014.

A escola de aidorus

De acordo com o pesquisador **Mauro Neves**, professor da **Universidade Sophia** em **Tóquio**, diferentemente do Japão, na Coréia os adolescentes são formados desde cedo para se tornarem ídolos pop. O mercado almejado é internacional, por isso além do **estudo de dança e canto**, eles aprendem **várias línguas** para atuar em **outros países**.

Trata-se de um **projeto para exportação**. É por isso que muitos observam o K-Pop como soft power. Através do **entretenimento**, a cultura coreana começa a **conquistar espaços** e vai chamando a atenção para suas particularidades. As **séries televisivas**, por exemplo, chamam a atenção e provocam movimentações no **turismo coreano** que nunca foi um alvo dos viajantes ocidentais.

As danças, as músicas e as comidas seguem na mesma onda, criando **desestabilizações no conceito tradicional de Orientalismo** que pensava apenas na **vertente autoritária** dos Ocidentais em relação aos Orientais. Há um poder tácito e divertido dos coreanos que vai se esgueirando pela onda.

E o mais curioso é que os jovens aprendem como fazer na escola. Na escola de ídolos.



Fonte: Entretetizei



Fonte: Twitter

K-pop

no Brasil e em São Paulo

Não sabemos ao certo quando a Hallyu chegou ao Brasil, mas segundo entrevistas realizadas pela **Marina Seminati Pacheco** em sua tese: **“O impacto da cultura pop coreana no Ocidente”** (2024, página 63) os entrevistados afirmam que os **anos 2000** foram um período-chave para a recepção desta produção cultural (entre os anos 2009 e 2010), acompanhando o avanço da plataforma **YouTube**, que era utilizada para recepção de **videoclipes musicais**. Sete dos oito participantes afirmaram que tiveram o primeiro contato com a Cultura Pop Coreana através desta plataforma de vídeos, onde receberam indicação de clipes de K-pop, que os alcançaram de duas formas: pelo interesse pré-existente deles pela **cultura asiática** – J-pop e animês, principalmente –, o que direcionava os algoritmos da rede para tais vídeos; e por compartilhamento entre grupos de amigos deste material via **redes sociais** (Twitter e Facebook) ou eventos presenciais considerados **geeks**.

Em 2011, o Brasil recebe o primeiro show de K-Pop em território nacional, o festival **United Cube - Fantasy Land**, realizado em São Paulo no dia 13 de dezembro, o evento aconteceu no Espaço Unimed e contou com aproximadamente **5.000 fãs presentes**.

Fonte: GI Pop & Arte

Fonte: KoME World



Fonte: KoME World

A cada ano que passa o número de **concertos em nosso país só aumenta**. Para podermos visualizar melhor essa afirmação, vamos analisar a **trajetória de shows do grupo de K-Pop BTS**:

Fonte: Youtube, 2014.



Em 2014 o grupo fez sua primeira passagem pelo Brasil no **espaço Via Marquês** em São Paulo, com uma estimativa de **1,5 mil pessoas** presentes.

Fonte: Youtube, 2017.



Em 2017, no **Citibank Hall**, em São Paulo, reuniram **14 mil pessoas** aproximadamente em dois dias de show.

Além do **BTS**, que foi o primeiro grupo de K-Pop a realizar um show em **estádio** no Brasil, os grupos **ATEEZ** e **TWICE** também realizaram shows no estádio **Allianz Park** com cerca de **30 mil** pessoas e **65 mil pessoas** respectivamente.

Fonte: BrazilKorea.



Em 2015 realizaram seu segundo show no **Espaço Unimed**, em São Paulo, com uma estimativa de **8 mil pessoas** presentes.

Fonte: Renreio



Em 2019, realizaram dois shows em São Paulo no **Estádio Allianz Park**, com uma estimativa de **80 mil pessoas** presentes.

TWICE (2024)



ATEEZ (2023)



BTS (2019)



*Fonte: Acervo pessoal da autora.



A forma com que o gênero musical afeta os fãs em São Paulo acarreta o surgimento de **novas relações sociais**, sejam elas entre fãs e artistas, outros fãs, pessoas e lugares. Essas relações ficam bem explícitas em eventos como o **K-Pop Dance Tournament (KDT)** e o **K-SP**. Ambos são **torneios de cover de K-Pop** organizados pela **K.Ö. entertainment** e acontecem geralmente no **Centro Cultural São Paulo**, com exceção de algumas edições do KDT que ocorreram no **Espaço de Eventos Hakka**, no bairro da Liberdade, SP. Dentre as categorias dos eventos temos o canto e a dança, onde os competidores têm o espaço para se apresentar, mas também para serem avaliados. Performers, audiência e staffs compartilham o gosto musical pelo K-Pop. Além do KDT e o K-SP, outros eventos relacionados ao gênero ganham espaço na cidade de São Paulo: o **"Anime Friends"** e o **"Ressaca Friends"** reúnem elementos da cultura pop japonesa e da cultura pop coreana. O **"Festival da Cultura Coreana"** e o **"K-food Festival"** realizados pela comunidade coreana de São Paulo contam com atrações de cover de K-pop, e até mesmo baladas influenciadas pela k-culture ganham força em São Paulo, como é o caso da **HYPE, A-Party e a K-Party Maniac**.

Fonte: Centro Cultural São Paulo

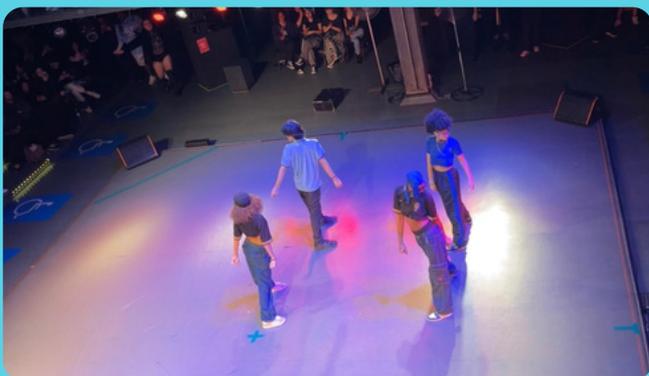


Fonte: Estádio

Fonte: Editora JBC



Festival K-SP



*Fonte: Acervo pessoal da autora.

Ademais, aqui em São Paulo, temos uma **Produtora Cultural** especializada em eventos e shows de arte e entretenimento voltados a cultura sul coreana, a **K.O.Entertainment**, no qual eles promovem concursos de covers, como o próprio **KDT** e o **K-SP Festival**, e agenciam bandas de **B-Pop**, que se inspiram no K-Pop para realizar seus trabalhos, que é o caso dos grupos **Paradyso e EVE**.



Fonte: Tribuna Hoje

O bairro da **Liberdade**¹, em São Paulo, conhecido por estabelecer uma relação com o oriente, mesmo que de forma muito estilizada, seja na arquitetura (com ornamentos), no comércio (com utensílios, roupas, e produtos alimentícios) e na gastronomia (com os restaurantes), também é um destino dos fãs de K-Pop.

O principal atrativo para os kpopppers no bairro é o **comércio**, que reúne uma gama de produtos, não só de K-Pop, mas de outros expoentes da Hallyu como **k-beauty, k-food, k-dramas**, etc. Dentre os produtos mais consumidos pelos fãs de K-Pop podemos citar, **blusas** com a estampa de grupos de K-Pop, **máscaras de skin care, maquiagens** e **lightsticks** (lanternas personalizadas com a marca dos grupos, para serem usadas nos shows). Conforme o K-Pop vai se tornando conhecido, mais lojas incorporam esses produtos nos seus catálogos.

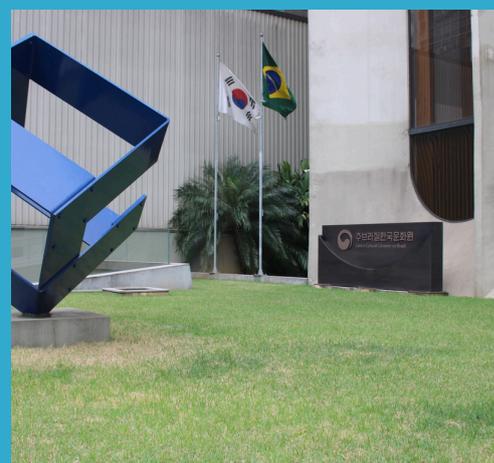


¹ O bairro da Liberdade foi fundado, oficialmente, em 1905 e está localizado na zona central do município de São Paulo próximo a regiões como Sé, Consolação, Jardim Paulista e Paraíso.

Fonte: Acervo Pessoal da Autora

Existem muitos locais em São Paulo com presença cultural asiática, especificamente sul coreanas. O **Centro Cultural Coreano no Brasil**¹ que além de **exposições, painéis interativos, obras de arte digital e bibliotecas com títulos coreanos**, também oferece **aulas de idiomas** e um **auditório para aprender e apresentar coreografias de K-Pop e Taekwondo**.

¹Localizado na Avenida Paulista, 460 - Bela Vista - São Paulo - SP. Próximo a estação Brigadeiro, linha verde do metrô. Funciona de terça a sábado das 10:00 às 18:30 e domingos das 11:00 às 17:00.



Fonte: Acervo Pessoal da Autora

O **Sogo Plaza**² reúne uma série de **lojas** voltadas aos consumidores da **cultura pop japonesa, chinesa e sul coreana**, como **quadrinhos, camisetas e colecionáveis**.

²Localizado na Rua Galvão Bueno 40 e Avenida Liberdade, 363. Próximo a estação Japão-Liberdade, linha azul do metrô. Funciona de segunda a sábado das 9:30 às 19:30, domingos das 10:00 às 19:00 e feriados das 10:00 às 18:00.



Fonte: EncontraSP

O **Korea Mart**³ é o local ideal para encontrar **artigos culinários, acessórios e utensílios domésticos** majoritariamente de **origem coreana**.

³Localizado na Rua dos Estudantes, 41, São Paulo - SP. Próximo a estação Japão-Liberdade, linha azul do metrô. Funciona de segunda a domingo das 8:00 às 18:00.



Fonte: Acervo Pessoal da Autora

A **Snowfall**⁴ é uma sorveteria especializada em um tipo de **sorvete coreano**, diferente das massas cremosas, conhecido como **BingSu** é feito de **raspas de gelo com leite açucarado, servido com camadas de sorvete e recheio**.

⁴Localizado na Rua dos Estudantes, 73, Liberdade, Rua Prates, 547, Bom Retiro e no Shopping Center 3, na Paulista. Próximos ao metrô Japão-Liberdade, linha azul do metrô, estação Armênia, linha azul do metrô e estação Consolação, linha amarela do metrô, respectivamente. Funciona de segunda a sexta das 11:00 às 20:00, sábados das 10:00 às 20:00 e domingos das 10:00 às 19:00 na unidade da Liberdade, de segunda a domingo das 12:00 às 21:00 na unidade do Bom Retiro e segunda a sábado das 10:00 às 22:00 e domingos das 11:00 às 22:00 na unidade da Paulista

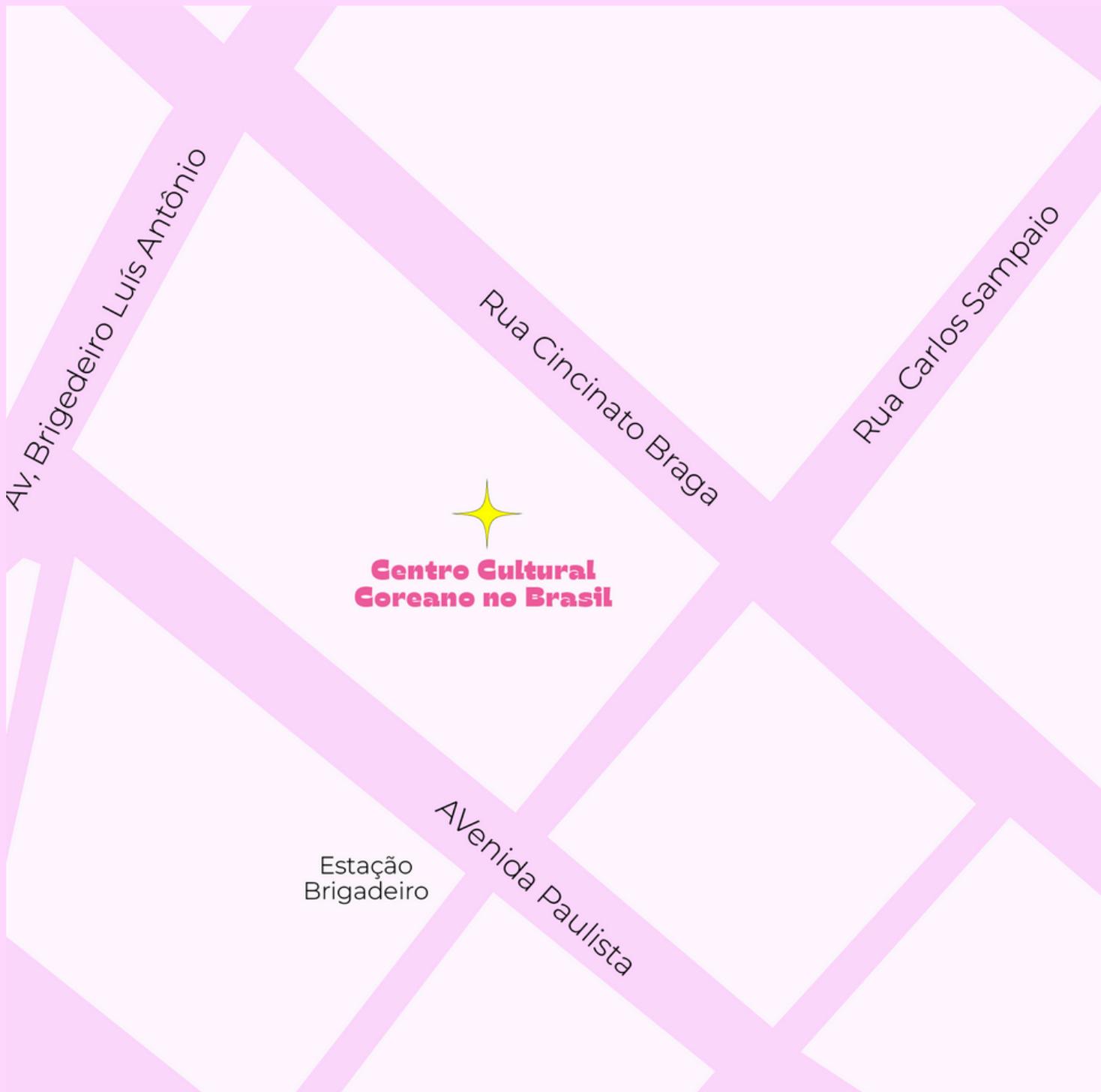


Fonte: Acervo Pessoal da Autora



*Fonte: Acervo pessoal da autora.

Mapa do K-Pop em São Paulo



Mapa do K-Pop em São Paulo





- **Grupo de K-Pop** - é muito comum ouvirmos a palavra grupo ao invés de banda quando o assunto é K-Pop. Isso ocorre porque nos grupos os membros são todos performers, enquanto nas bandas cada membro tem sua função bem dividida entre os instrumentos musicais.
- **MV's** - é a abreviação da palavra em inglês Music Video e se refere aos videoclipes dos grupos de K-Pop.
- **Idols** - ídolos do K-Pop.
- **Kpoppers** - fãs de K-Pop.
- **Trainee** - indivíduo que está treinando para virar idol.
- **Fandom** - comunidade de fãs de um grupo.
- **Debut** - data de estreia de um grupo marcada pela divulgação do seu primeiro MV.
- **Comeback** - retorno de um grupo, geralmente com um novo disco, ou música.
- **Maknae** - membro mais novo do grupo.
- **Bias** - é o seu membro favorito dentro de um grupo.
- **Ult/Utt** - é a abreviação da palavra ultimate e faz referência ao seu membro favorito entre todos os grupos.
- **Stan** - é aquela fã que apoia muito um grupo, engajando seus conteúdos.
- **Sasaeng** - fãs invasivos, que muitas vezes perseguem seus idols e não respeitam sua privacidade.
- **Fanchant** - são frases que os fãs cantam ao longo das músicas nas performances ao vivo. É quase como um grito de torcida organizada.
- **Lightstick** - lanternas personalizadas com a marca dos grupos, para serem usadas nos shows.
- **Big 3** - são as 3 maiores empresas do K-Pop. SM, YG, E JYP.
- **Oppa** - é o termo usado por mulheres para se referir a homens mais velhos.
- **Noona** - é o termo usado por homens para se referir a mulheres mais velhas.
- **Hyung** - significa irmão mais velho. É muito comum vermos membros mais novos de um grupo, se referindo aos seus veteranos como Hyungs.
- **Unnie** - significa irmã mais nova. Assim como o termo Hyung, as integrantes mais novas se referem dessa forma às suas veteranas.
- **Fighting** - é uma expressão de incentivo como "continue se esforçando", "boa sorte", "vamos lá".
- **Aigoo** - expressa descontentamento perante alguma situação.
- **Aegyo** - maneira fofa de agir.
- **Finger Heart** - é o coração feito com os dedos.
- **Fancam** - vídeo feito por fã durante alguma apresentação.

O Centro Cultural São Paulo

Apesar de não ser um centro especificamente coreano, o **Centro Cultural São Paulo (CCSP)** se tornou fundamental para o K-Pop.

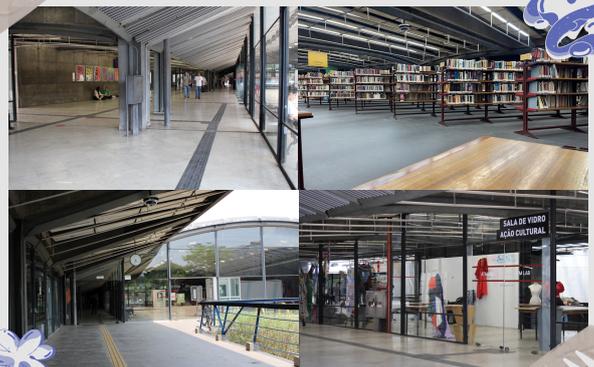
Localizado entre as ruas **Vergueiro** e **23 de maio**, próximo as estações **Vergueiro** e **Paraíso do metrô**, na **Rua Vergueiro, 1000**, o CCSP é um espaço cultural público municipal, inicialmente desenvolvido para ser uma grande biblioteca pública, mas que depois teve seu projeto adaptado para um centro cultural que pudesse promover múltiplas atividades, sendo assim **multidisciplinar**. Inaugurado em **1982**, o local oferta programação e serviços culturais gratuitos ou de preços acessíveis e disponibiliza seus espaços e instalações para serem utilizados de forma livre pelos seus frequentadores.

O projeto, idealizado na década de **1970** por um grupo de arquitetos chefiados por **Eurico Prado Lopes** e **Luiz Telles**, foi inspirado em renomados centros culturais multidisciplinares ao redor do mundo e envolveu uma pesquisa abrangente sobre como a população de São Paulo poderia acessar e se conectar com a cultura local.

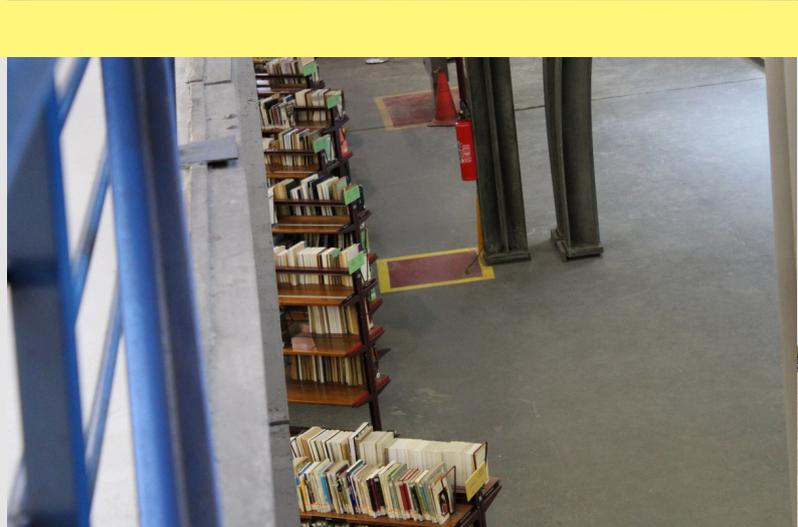
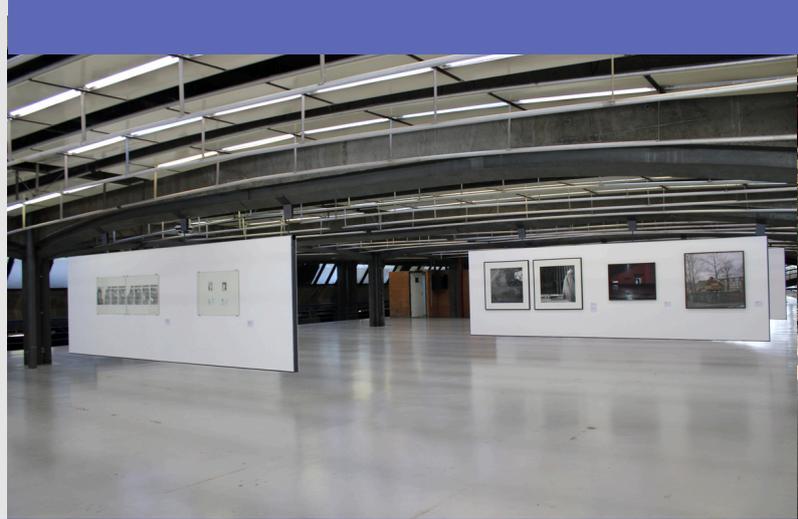
Atualmente, o Centro Cultural São Paulo oferece um conjunto de **bibliotecas, coleções e acervos da cidade**, uma programação de **artes visuais, cinema, dança, literatura, música e teatro**, além de atividades educativas, **ateliers abertos, cursos e oficinas, palestras e debates**, ações ligadas aos acervos e voltadas ao público infantojuvenil, **jardins suspensos, espaços de estudo e ensaio**.

Esses fatores tornaram o CCSP **ponto de encontro** para uma variada gama de pessoas.

Dizer que o CCSP é um espaço cultural público municipal significa que ele é uma instituição pública subordinada à Secretaria Municipal de Cultura do município de São Paulo que proporciona e divulga manifestações culturais como exposições, espetáculos, palestras, workshop entre outros.



Fonte: Acervo pessoal da autora



Fonte: Acervo pessoal da autora

Onde está o K-Pop no Centro Cultural São Paulo?

Como frequentadora do Centro Cultural São Paulo, consigo me lembrar de pelo menos **cinco entradas**, todas pela **rua Vergueiro**, que tornam possível o acesso ao CCSP. A **entrada do metrô**, na qual basta caminhar por menos de um minuto para acessar o local, **duas entradas laterais** que te levam ao corredor da dança, uma **entrada maior**, que dá acesso à área de convivência, e por fim, **a que dá passagem direta às exposições na área interna do CCSP**. Com exceção desta última, logo de cara, quando você entra, é possível ver os grupos de pessoas ensaiando, não apenas o K-Pop mas outros estilos de dança, **como o street dance, hip hop e dança de salão**.

A sensação que sempre tive ao ter contato com essa movimentação era a de um **espaço com vida**, com **possibilidade de presença**, onde aqueles que estão lá querem isso, há uma **pulsão**, evidente nos rostos daqueles que estão **não apenas ensaiando**, mas também **se divertindo**, nos apresentando **formas outras de existir na cidade**.

Dentre os acontecimentos da dança presentes no Centro Cultural São Paulo, o que mais me conecta é o **K-Pop Dance Cover**.



Fonte: Acervo Pessoal da Autora.

Para reconhecer a dança cover no CCSP basta se atentar àquelas pessoas que estão executando **movimentos precisos** e **sincronizados**, muitas vezes **retos**, contendo muitos **desenhos coreográficos** e **trocas de posições**. Eles geralmente ensaiam em frente aos espelhos de vidro preto, que refletem seus corpos, e levam consigo sempre uma caixinha de música e um celular, para olhar a coreografia. É possível perceber em muitas de suas conversas, que eles estão o tempo todo se corrigindo, preocupados com a limpeza do movimento, e portanto, dialogam, o tempo todo, entre si.

O K-Pop está presente no Centro Cultural entre os **grupos de jovens adolescentes** que se reúnem, geralmente aos finais de semana, e se comprometem com a dança pela interpretação das coreografias dos idols sul-coreanos nos chamados **grupos cover**. Eles ocupam os **corredores** e **áreas de convivência** do CCSP exercendo uma relação de territorialidade com o local, que é considerado point para os fãs do gênero, tornando-se até mesmo palco para competições de dança e canto entre eles.

Por privilegiar em sua arquitetura dimensões amplas com múltiplas entradas e caminhos, é possível encontrar uma grande concentração de grupos cover no mesmo espaço. O mover do corpo junto aos demais integrantes são feitos geralmente diante dos grandes espelhos que refletem as movimentações. Essa dinâmica possibilita que **para além do aprendizado a partir dos vídeos de K-Pop, os grupos troquem conhecimento entre si**.

Fonte: Acervo pessoal da autora.





Fonte: Acervo pessoal da autora.

No CCSP grupos covers de K-pop (K-covers) representam seus ídolos sul-coreanos por meio de **práticas coreográficas** tanto **online** quanto **offline**, interpretando o gênero em suas performances. A sensação de poder se aproximar um pouquinho mais desse universo a partir da música e da dança é um dos motivos que fazem com que essas pessoas se engajem nessa experiência.

No texto **“A Emergência da Cena K-cover no Brasil”** (I Colóquio Mídia Cotidiano e Práticas Lúdicas, 2018, página 100), os autores afirmam que devido ao seu caráter recente, não há ainda uma historiografia consolidada sobre a prática da dança e canto k-cover no Brasil, mas existem dados esparsos que apontam os vídeos de **dance practice** como impulsionadores para o surgimento desta cena. É possível sugerir que as tradicionais convenções e eventos de **cultura pop japonesa**, criaram as condições para que o k-cover pudesse se consolidar enquanto prática e cena musical atrelada às culturas juvenis em nosso país. Essas comunidades buscavam locais para se apresentar e competir entre si, tanto em eventos de fãs, quanto nos espaços públicos que pudessem oferecer locais para ensaios e encontros.

Após verificar que o interesse pelo pop coreano estava crescendo significativamente no Brasil, começaram a ser organizados **eventos exclusivos** voltados para esse gênero, afastando-se dos que antes eram dedicados ao pop japonês. **O ano de 2011 marca o início desse movimento**, quando recebemos a visita do grupo **MBLAQ** a São Paulo, onde eles participaram como jurados de um concurso internacional de covers de K-Pop, conhecido como **KPOP Cover Dance Festival**. Desde a realização desse primeiro evento oficial da Hallyu Wave no Brasil, a prática de k-cover começou a se fortalecer no país, resultando no surgimento de diversas competições do gênero e consolidando, dessa forma, uma cena. Em São Paulo, por exemplo, é realizado o **Korean Pop Festival**, que consiste na fase eliminatória do **K-pop World Festival**, concurso mundial organizado pela emissora de televisão coreana KBS. **Participar das competições é uma maneira de que o cover seja reconhecido pelos demais participantes desse cenário.**

Fonte: Youtube, 2011.



Fonte: Flickr



Fonte: Youtube, 2011.

CCSP e a Prática Cover, a Importância dessa Relação para Pensar a Democratização da Cultura. Uma Conversa com Judson Cabral

Ator graduado pela **Escola Livre de Teatro de Santo André (ELT)** e licenciado em **Ciências Sociais** pela **Fundação e Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP)**. **Judson Cabral** é **professor** no Curso de **Comunicação das Artes do Corpo na PUC-SP**, o qual sou graduanda. Suas aulas me motivaram e ensinaram a importância de estar sempre **questionando** aquilo que está posto no mundo na intenção de **procurar brechas**, e assim, **resistir ao sistema no qual estamos inseridos**.

Por conta disso, decidi convidá-lo para contribuir com esse trabalho em uma conversa onde refletiremos sobre o **deslocamento urbano que a prática cover promove e a importância dessa relação para pensar a democratização da cultura e a importância do espaço do CCSP para o cenário artístico na cidade de São Paulo**.

Para contextualizá-lo, contei um pouquinho sobre o trabalho, e então separei **quatro perguntas**, que funcionaram como dispositivos para construir essa conversa.

Victória: “Se direcionarmos nosso olhar para a cidade, é possível afirmar que a prática cover que ocorre no Centro Cultural São Paulo promove uma experiência entre dança e cidade?”

Judson: “Eu não sei se eu conseguiria afirmar que a prática cover que ocorre no Centro Cultural São Paulo promove uma experiência entre dança e cidade, uma vez que eu não acompanho efetivamente essa produção. Entretanto, me parece que sim, me parece que é o artista, são eles, os jovens, os artistas que vêm de diversas partes da cidade, de diversos lugares da cidade, que podem estabelecer essa relação por diversos motivos. Pela dificuldade, muitas vezes, tem que atravessar a cidade, porque muitos vêm de muito longe, de distâncias gigantes, então de ali poder estabelecer uma relação com a dança e a cidade, que implica em uma tensão, a dança como espaço de experimentação da liberdade e a cidade como espaço cada vez mais limitador, que restringe cada vez mais a circulação como um espaço policalesco dos corpos, portanto do movimento, e que na dança, pode extrapolar essa dinâmica, pode ser que talvez aí tenha alguma coisa, mas seria mais efetivo se eu pudesse acompanhar, o que eu não acompanho, mas são talvez possibilidades de pensar essa relação entre a dança e a cidade.”

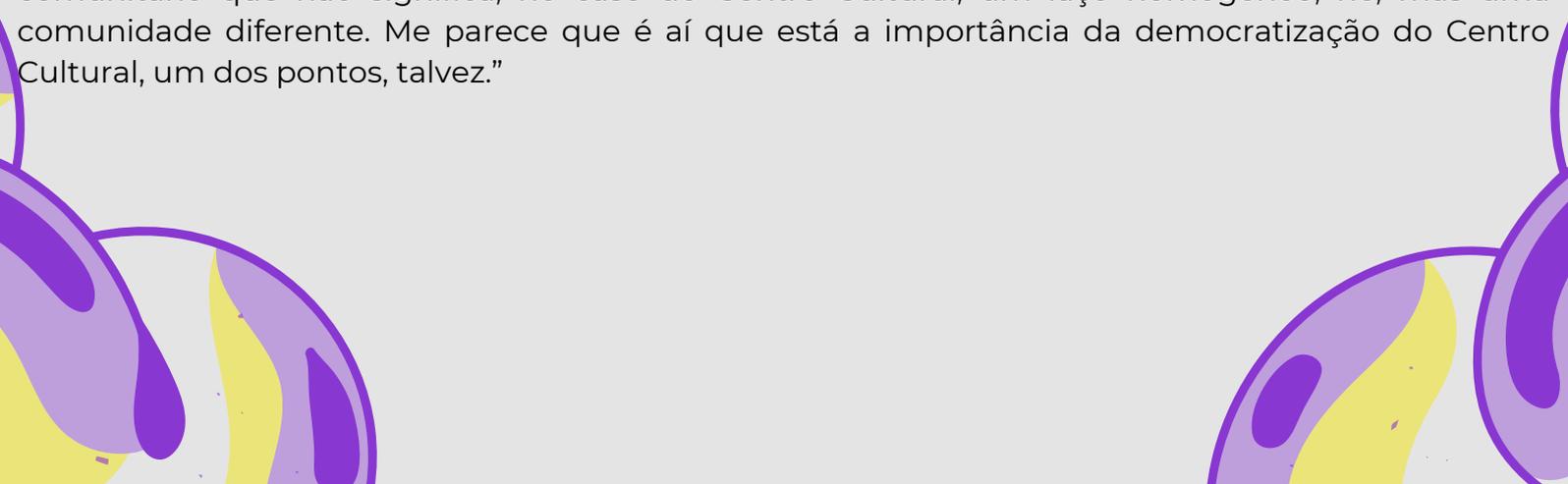


Victória: “É recorrente entre os grupos cover a escolha por espaços públicos ou com um grande fluxo de pessoas para eles ensaiarem ou performarem suas coreografias, o que você acha desse movimento de ocupar a cidade reivindicando algo que se gosta de fazer, que nesse caso é a dança?”

Judson: Eu acho fenomenal essa ideia, esse movimento de ocupar a cidade reivindicando algo que gosta de fazer, porque a cidade não é feita de um sujeito só, que sequer é universal, mas de uma polifonia. E quando você tem um movimento que ocupa a cidade, que reivindica a cidade pelo que gosta de fazer, quer dizer, pelo desejo, isso é muito potente, porque isso pode ser ativador de experiências fantásticas na construção da própria cidade, dessa sociabilidade comunitária plural. Então me parece ser um ponto muito positivo essa da escolha por espaços públicos, com grande fluxo de gente que compõem essa multidão, que é uma multidão repleta de singularidades, que é uma multidão que contém singularidade, que contém desejo, e não uma massa, disforme. Então eu acho fantástico.

Victória: “Na sua opinião, qual a importância do Centro Cultural São Paulo no debate da Democratização da Cultura?”

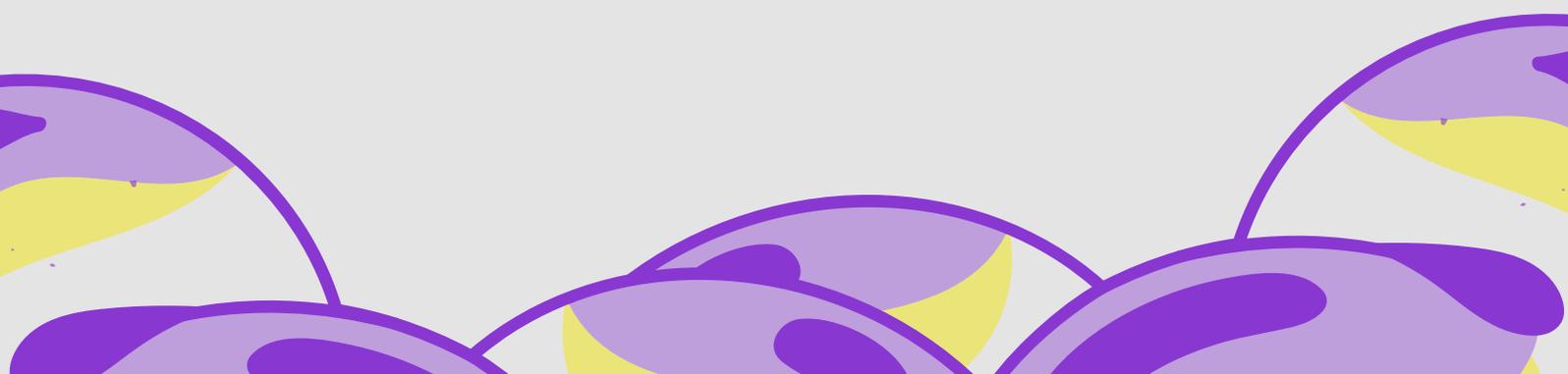
Judson: “Me parece que a importância do Centro Cultural São Paulo, no debate da democratização da cultura, e o que não é de hoje, um processo que veio sendo construído historicamente, por ser um espaço que se coloca alternativo à lógica dominante, que é a lógica do capital, do fluxo do capital, que tem transformado a cidade cada vez mais em cifras, na lógica de cifra, e que tem como consequência o esvaziamento ou a perda da vida comunitária, os grandes centros, as grandes metrópoles, como São Paulo, a existência de equipamentos públicos, como Centro Cultural São Paulo, se torna fenomenal, devido à criar a possibilidade de convívio que a cidade, nessa lógica da cifra, nessa lógica do fluxo do capital, vem minando cada vez mais. Então, o espaço do Centro Cultural foi sendo, historicamente, apropriado no sentido de uma política de ocupação pelos artistas que extrapolou a lógica pública burocrática, quer dizer, estatal, dando a essa dimensão de ocupação política pelos artistas uma vitalidade que possibilitou e que possibilita a construção de laços comunitários não protocolares, mas sim de uma comunhão que serve de cimento, portanto, de liga para a coexistência de grupos tão diferentes que hoje ocupam o Centro Cultural São Paulo. Então a importância da democratização está em dois pontos, primeiro na relação com o acesso a um equipamento como esse, de um espaço como esse pelos grupos, os grupos mais diversos, mas também pela possibilidade desses grupos coexistirem nas suas singularidades, quer dizer, a democratização está presente também na possibilidade da existência desses grupos ali performarem suas existências e tornarem-se visíveis, reconhecidos. Então me parece que hoje o Centro Cultural tem uma importância fenomenal por ser esse espaço que possibilita o acesso, o acesso a trabalhos diversos, artísticos, mas também por possibilitar a esses grupos a expressar sua existência, com as suas danças, com os seus ensaios, com seus debates, com seus piqueniques então me parece que passa aí essa democratização e que fortalece o laço comunitário, né? Um laço comunitário que não significa, no caso do Centro Cultural, um laço homogêneo, né, mas uma comunidade diferente. Me parece que é aí que está a importância da democratização do Centro Cultural, um dos pontos, talvez.”





Victória: “Em uma de nossas conversas sobre o assunto, você disse uma frase muito importante que sintetiza muito bem a forma como vejo esse fenômeno que rola no centro cultural que é: “o direito à cultura é o direito à cidade”. Você poderia falar um pouquinho mais sobre o significado dessa afirmação?”

Judson: “Quando eu eu falo do direito à cultura enquanto direito à cidade como direito à cidade não sou eu que tô dizendo isso mas são pesquisadores ligados às diversas áreas das das ciências humanas, sociologia urbana, antropologia urbana e outras que estudam a vida, estudam a cidade, a vida urbana. Mas quando eu tô pensando isso eu tô pensando direito à cidade como um direito que deve ser entendido não só, não restringido apenas a visitas, a circulação de fluxos de gente e de fluxo de capital, o direito à cidade deve ser pensado e formulado como o renovado direito à vida, a vida urbana né, a composição dessa vida coletiva. Então, isso quer dizer que o direito à cidade é muito mais que o direito de acesso àquilo que já existe. É o direito de mudar de acordo com as necessidades e desejo, em conformidade com a vida democrática, portanto, com a vida plural. Daí a importância, daí o direito à cultura ser o direito à cidade, porque é a cultura que vai simbolizar, os mundos, as existências que compõem a cidade. Então, o direito à cidade, não é restringindo a uma ideia de circulação e de acesso, nos leva a ter que lutar por ela, né? Lutar por territórios físicos, mas também por produções sensíveis, que sejam ativadoras de vida. Novas percepções, novas formas de sentir, nos abrindo para novas formas de habitar e ocupar e ser na cidade, territórios então físicos e poéticos, incentivadores de criação estético-políticas em oposição à ordem vigente, quer dizer, capitalista, o direito à cidade então passa pela disputa não só do espaço físico, me parece, mas também pelo sensível, enquanto aquele que impulsiona o pensamento que organizará e dará sentido à cidade como ela é. Daí então a importância da cultura e a necessidade de pensar o direito à cidade como direito à cultura e direito à cultura como direito à cidade, pois ambas vão se imbricar o direito à cultura enquanto o direito à cidade é o direito de poder formalizar, dos grupos constituírem a cidade em conformidade com seu universo sensível, com seu universo poético, com seu universo existencial. Então, o direito à cultura enquanto direito à cidade é um direito de possibilitar uma existência em conformidade entre o existencial e o físico, me parece que passa um pouco por aí. E o Centro Cultural, eu acho que aglutina, isso fica muito evidente no Centro Cultural, um espaço físico que é atravessado por temporalidades diversas por manifestações existenciais plurais. Eu acho que ele está neste lugar.”



Nem Tudo São Flores: Uma reflexão Sobre o Uso dos Espaços.

Texto a partir da Conversa com Mateus Eiji Haga

Graduado em **Comunicação das Artes do Corpo** na **PUC-SP**, **Mateus Eiji** e eu nos tornamos amigos quando tive a oportunidade de assistir um trabalho dele na **Semana Das Artes do Corpo** (semana acadêmica do curso onde ambos estudamos), onde a pesquisa de corpo que ele apresentava girava em torno da **desconstrução das ideias de movimento presentes na dança K-Pop**, assunto que inclusive, foi melhor trabalhado em seu TCC do qual também estive presente.

Por muito tempo, ele participou da Cena Cover de K-Pop no Centro Cultural São Paulo, e atualmente, continua treinando lá, mas em **Hip-Hop Freestyle**. Em uma das nossas conversas, no próprio CCSP lembro que ele me contou que, existem **questões a serem resolvidas entre as pessoas que frequentam o local**, principalmente a galera do **K-Pop, do Hip-Hop e da Dança de Salão**, pois o pessoal do K-Pop estava ocupando a maior parte do espaço livre do CCSP e não estava sobrando lugar para as outras práticas.

Pedi então, para que ele me contasse um pouquinho melhor sobre essa situação e que desse sua opinião sobre ela, tanto do ponto de vista de alguém que já praticou K-Pop mas que agora também atua na área do Hip-Hop. E então ele me respondeu:

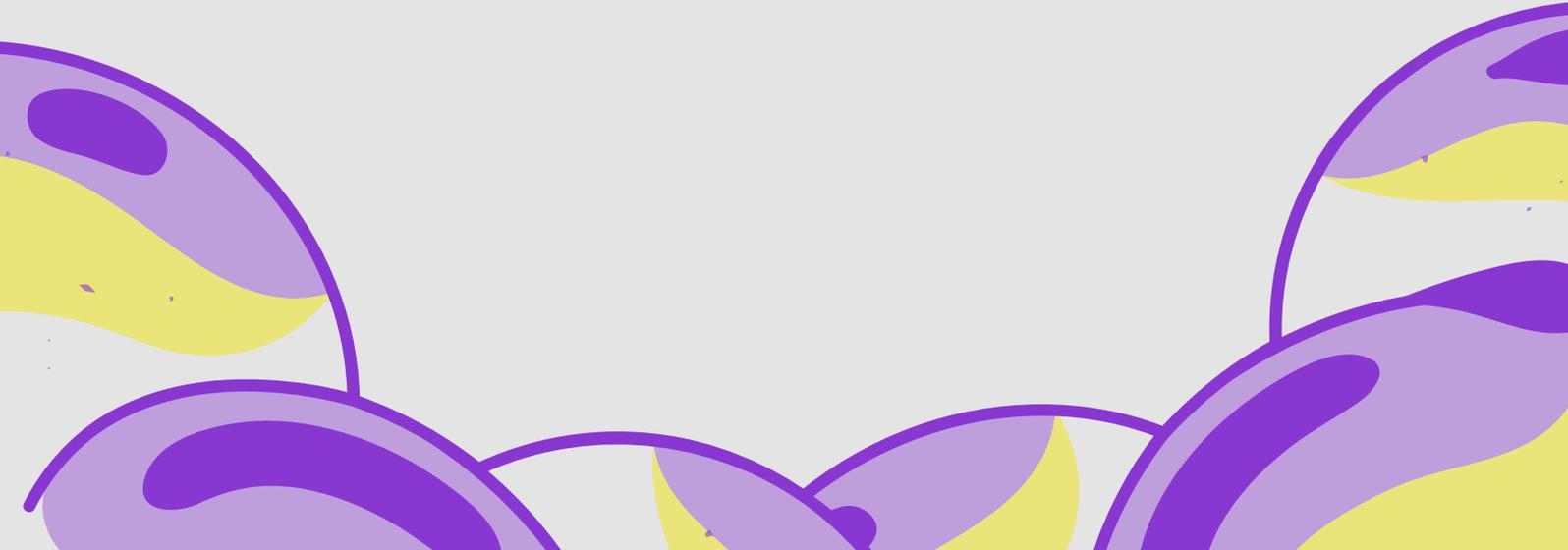
Mateus: Na verdade, há um acordo não verbal, geralmente tem espaços onde (na maioria das vezes) coletivos e grupos não-praticantes de K-Pop Dance Cover se encontram na mesma região, chegando muito cedo para ocupar um local que precisam para seus treinos/ensaios e aulas. Dançando Hip Hop Freestyle agora, também no CCSP, encontramos as mesmas dificuldades que, todo mundo na verdade, encontra no ato de procura de um local adequado, que são elas: a poluição sonora, ficar próximo demais a outros grupos (o que restringe a possibilidade de locomoção ampla pelo espaço para respeitar o espaço do outro), e também de julgamentos indiretos e diretos, por parte de alguns coletivos e grupos que ensaiam ao lado, por preconceitos de um não praticante da dança que fazemos, o que acontece pouco mas já me ocorreu.



Após essa pergunta, perguntei a opinião dele sobre o porque essas pessoas (não só do K-Pop) escolhem o CCSP como local para realizar seus encontros, e ele disse:

Mateus: Acredito que a escolha do CCSP, para além de se tratar de um espaço público de livre acesso, se dá pela proximidade à estação Vergueiro do metrô na linha central da Grande São Paulo e também por ser um espaço cultural muito frequentado por artistas, mais especificamente, da dança. O fato de que, a maior parte do público que consome K-Pop nas suas variadas produções como K-dramas, músicas e moda, também influencia na ida dessas pessoas, que se encontram lá para assistir e participar de ensaios. Além disso, lá pro final da tarde, a calçada do CCSP é tomada por jovens que ocupam os jardins e rampa do letreiro para beber e dançar mais K-Pop. Para finalizar, perguntei se ele acha que a falta de espaços culturais ou a falta de manutenção, ou outras questões como de localização tornam o CCSP um local mais acessível, e ele relatou:

Mateus: Com toda a certeza, até mesmo o Centro Cultural Coreano (CCC) não disponibiliza espaços de livre acesso para os praticantes do K-Pop Dance, apenas disponibilizam cursos pagos de dança e idioma, o que dificulta o acesso para praticantes, interessados na cultura e também nas danças do K-Pop. Alguns grupos optaram por procurar parques também espalhados pela cidade de SP, como o Parque Villa Lobos e Parque do Ibirapuera, mas quando possuem uma parceria ou possuem uma condição financeira mais privilegiada. Alugar horas de estúdios de dança acaba se tornando uma segunda opção por maior segurança, qualidade de ensaio e conforto. Devo também ressaltar a importância das Fábricas de Cultura, que, por mais que seja complicado achar um horário vago, eles abrem portas para que os praticantes de K-Pop Dance consigam um ensaio num local fechado, com caixa de som, espelho e piso adequado.



Relatos de quem vive essa história

Entrevista com Bianca Iwata - The Girlz Dance Group

1 - Primeiramente conte um pouquinho sobre você e sobre grupo que participa

Bianca: Meu nome é Bianca, tenho 18 anos e sou dançarina. Eu participo de um grupo chamado The Girlz Dance Group, ele se iniciou em 2022 mas entrei somente em 2023. Atualmente o grupo é composto por oito meninas, sendo que seis delas fazem aulas de K-pop na mesma escola. O grupo se iniciou a partir de paixões em comum que são a dança e o K-pop. Dançamos tanto boy groups quanto girl groups, mas por uma preferência da maioria dançamos mais músicas de grupos femininos. A formação muda para cada coreografia dependendo quem está disponível para ensaiar.

2 - Em que ano mais ou menos você começou a gostar de K-Pop e como chegou até os grupos cover?

Bianca: Meu primeiro contato com o K-pop foi em 2014 por meio da minha irmã, mas na época nem sabia o que era. Em 2016 começou a fazer mais sucesso no Brasil, então comecei a escutar algumas músicas, mas ainda assim sem conhecer muito sobre esse mundo. Em 2018 por influência das minhas amigas comecei a ouvir mais K-pop e conhecer mais sobre esse mundo, como os termos utilizados e quem eram os artistas.

Por sempre ter gostado da dança, algo que me encantava muito no K-pop eram as coreografias, então depois de um tempo comecei a ter interesse em aprender essas coreografias. Eu sabia que existiam pessoas que faziam cover de grupos, mas nunca fui atrás para entrar em um. Foi quando comecei a fazer aulas de K-pop que entrei no The Girlz, pois as meninas me chamaram para fazer parte depois que me viram dançar.

3 - Vocês sempre ensaiaram no Centro Cultural? Se sim, por que escolheram ensaiar aqui, ou então em que momento perceberam que seria legal ensaiar nele?

Bianca: Nosso principal local de ensaio é o Centro Cultural. Quando há uma apresentação, ensaiamos pelo menos três vezes por semana lá. Já tínhamos conhecimento que muitos covers de K-pop ensaiavam lá e como o espaço é gratuito e próximo ao metrô achamos que o melhor seria ensaiar no CCSP mesmo.

4 - Sobre o dia a dia de vocês no CCSP, como é o local, a rotina de ensaios, as pessoas ao redor...?

Bianca: Infelizmente às vezes o local pode ficar muito lotado dificultando os ensaios, também não há muitos espaços fechados então o clima se torna um empecilho. Apesar disso, tem um espaço consideravelmente grande para ensaiar com janelas que auxiliam na hora de limpar as coreografias. Acabamos por não interagir muito com as pessoas ao redor, mas é comum que a gente fique admirando os outros dançarem, muitas vezes nos contaminando com a energia ou nos sentindo julgadas.

5- A quanto tempo o grupo de vocês existe e como você analisa essa jornada?

Bianca: O grupo existe há dois anos. No começo a formação era outra, mas duas meninas saíram por questões pessoais e falta de tempo, deixando então somente quatro meninas. No ano seguinte entrei no grupo e mais tarde foram feitas audições para adicionar mais membros ao grupo, totalizando em oito meninas. Até agora nós nos apresentamos sete vezes desde a minha entrada sendo cinco para competições e duas apenas para apresentar. Uma dificuldade grande que temos é o tempo de lidar com nossas vidas e manejar ensaios, então muitas vezes tivemos poucos ensaios para apresentar uma coreografia.

6- Teve algum momento na trajetória de vocês que representou uma superação?

Bianca: Não sei exatamente se é considerado como superação, mas já precisamos adaptar uma coreografia inteira em poucos dias pois uma das meninas ficou doente. Foi um processo corrido e difícil, mas no final conseguimos apresentar sem problemas.

7- Como é para você ensaiar no Centro Cultural? O espaço físico do CCSP é um bom lugar para os ensaios? Acha que algo com relação a ele poderia melhorar?

Bianca: Eu acho divertido ensaiar lá e poder observar outros corpos dançando, não só K-pop mas todos os tipos de dança. Em geral eu acho um ótimo espaço. Mas há alguns fatores que acabam sendo um pouco inconvenientes, por exemplo: como grande parte do espaço é aberto o clima pode afetar os ensaios, o chão também não é o melhor para certas coreografias, além disso como é um espaço público, é possível que fique lotado certos dias. Apesar disso, não acho que sejam fatores que precisam ser mudados, ter este espaço para ensaios já está ótimo. Acho que a segurança no local é o único fator que precisaria melhorar, já vi acontecer muitos incidentes por causa disso.

8- O que esse espaço representa para você?

Bianca: Eu sinto que o CCSP se tornou um espaço muito importante pra mim. É um lugar que faz eu me sentir em casa por ter toda sua relação com a dança e também por eu estar frequentemente lá.

9- Você precisa percorrer um trajeto muito grande da sua casa ao Centro Cultural? Podem contar um pouquinho sobre ele?

Bianca: O Centro Cultural não é tão próximo da minha casa, mas o caminho é simples, tenho que apenas pegar a linha azul do metrô e descer na Vergueiro. Por isso é tão conveniente que ensaiamos lá, já que para todas as meninas o caminho é simples.

10 - Você acha que seria interessante ter mais locais como o CCSP espalhados por São Paulo?

Bianca: Com certeza. Considero o CCSP muito importante para disseminação da arte e da cultura, gostaria de poder conhecer mais lugares como esse em São Paulo. Além disso, seria bom para pessoas que moram muito longe do Centro Cultural ter outra opção para ensaiar.

11 - Como você enxerga a cena cover de K-Pop no geral? E no Centro Cultural?

Bianca: Eu sinto que como a indústria do K-pop é extremamente competitiva e rígida a cena cover acaba se afetando por isso. Existe muito essa relação de quem é melhor, quem faz mais parecido com os grupos mesmo de K-pop e isso não escapa do Centro Cultural. Eu sinto que nesse espaço essa característica é um pouco mais leve em que outros ambientes por ser um ambiente de ensaios em que todo mundo está aprendendo e também pelo evento K-SP deixar de ser uma competição e ser apenas focado em apresentações, mas ainda existem votações para ver quem o público mais gostou, permanecendo aquele clima de competição.

12 - O que a dança representa hoje na sua vida?

Bianca: Dança é minha paixão, é o que eu mais gosto de fazer, é o que eu quero pra vida, quero trabalhar com isso. Me movimentar é o que tem me ajudado a passar por todas as situações da minha vida. É dançando que posso ser livre e posso me expressar sem ter medo de alguém me julgar.

13 - De que forma a sua vivência no mundo cover influenciou outras áreas das suas vidas?

Bianca: Acredito que após ver como funcionavam os ensaios e as competições de cover comecei a pensar o que a dança era para mim. Como quero viver de dança isso afetou muito minha vida, comecei a pensar se dança era mesmo apenas chegar na perfeição e que a perfeição era copiar alguém que estava na frente das câmeras. Precisava estar sempre bonita e executar os movimentos exatamente como os ídolos para dançar “bem”.

14 - Quais vantagens você vê no CCSP que acha que não teria em outro lugar?

Bianca: Acredito que uma das maiores vantagens é a acessibilidade que tem e que é muito difícil de achar em outros lugares. Por ser um ambiente perto do metrô, aberto ao público e tão bem relacionado com a arte e a dança.

15- O que você acha que o Centro Cultural São Paulo representa para nossa cidade?

Bianca: O CCSP é um grande espaço de inteligência cultural que conserva uma importante parte da arte e cultura de São Paulo. Por meio do Centro Cultural a população pode ter acesso a essas áreas.

Entrevista com o grupo cover - Elysium

1 - Primeiramente conte um pouquinho sobre vocês e o grupo que participam.

Elysium: O Elysium é um grupo com uma longa trajetória, que teve início em 2011 com o nome Dribblet, fundado pela integrante Brenda junto com duas amigas. Hoje, é a única remanescente dessa formação inicial. Ao longo dos anos, muitas pessoas fizeram parte do grupo, contribuindo com suas ideias e talentos, e também seguiram outros caminhos. Nossa história reflete a evolução do k-pop no Brasil, que há uma década atrás era pouco conhecido por aqui e hoje é um fenômeno global.

Com o tempo, enfrentamos muitos desafios, passando por altos e baixos. Em 2019, decidimos marcar o início de uma nova fase, que envolveu não só redefinir nossos objetivos, mas também mudar o nome do grupo para Elysium. Desde então, nosso foco tem sido a criação de conteúdos para o nosso canal no YouTube e a participação em competições, sempre buscando crescer e compartilhar nossa paixão tanto pela dança como pelo k-pop.

2 - Vocês sempre ensaiaram no Centro Cultural? Se sim, por que escolheram ensaiar aqui, ou então em que momento perceberam que seria legal ensaiar nele?

Elysium: Sim, sempre ensaiamos no Centro Cultural São Paulo, e isso não é por acaso. O CCSP tem uma forte ligação com a cena k-pop, sendo muitas vezes o ponto de entrada para várias pessoas no universo desse gênero. Além disso, o local oferece paredes de vidro que proporcionam um reflexo semelhante ao de espelhos, o que ajuda muito na prática das coreografias. Ser gratuito e estar localizado no centro da cidade torna o espaço ainda mais acessível e prático para todos. Por isso, acabou se tornando um ponto de referência para nós e para muitos outros grupos.

3 - Qual foi a primeira coreografia que vocês apresentaram, e em que ocasião foi? Como vocês se sentiram? Foi a primeira vez que subiram em um palco?

Elysium: Com a formação atual, a primeira coreografia que apresentamos juntas em um palco foi So Bad, do grupo STAYC. Escolhemos essa música porque já a tínhamos ensaiado e surgiu a oportunidade de participar de uma competição que queríamos muito.

Subir no palco sempre traz uma mistura de emoções: a ansiedade e o nervosismo antes de começar, a adrenalina enquanto estamos dançando, e aquela sensação incrível de dever cumprido ao final da apresentação. É uma experiência intensa e muito gratificante, desde aprendizados ao reconhecimento após duros dias de ensaio.

Não, cada uma de nós já havia tido experiências anteriores, seja se apresentando com outros grupos covers ou outros estilos de dança. No entanto, essa foi a primeira vez que nos apresentamos juntas como formação atual do Elysium.

4 - Vocês acham que seria interessante ter mais locais como o CCSP espalhados por São Paulo?

Elysium: Acredito que seria muito interessante. Apesar de já existirem outros espaços culturais onde as pessoas ensaiam, como o parque próximo ao Metrô Conceição e salas em fábricas de cultura, ainda há uma carência de locais semelhantes ao CCSP em termos de acessibilidade e visibilidade. Pode ser que existam mais opções pela cidade, mas muitas vezes não temos conhecimento sobre elas.

5 - Sobre o dia a dia de vocês no CCSP, como é o local, a rotina de ensaios, as pessoas ao redor...?

Elysium: Nós costumamos ensaiar aos finais de semana devido à agenda individual de cada membro. Por isso, sempre combinamos os ensaios para as 10h, horário em que o CCSP abre. Essa é a melhor opção, pois precisamos garantir um espaço antes que o local fique lotado com outros grupos de covers ensaiando.

O CCSP é um ótimo lugar para ensaios, principalmente pela gratuidade do espaço. Além disso, os reflexos nos vidros espelhados servem como um excelente "espelho" para ensaiarmos as coreografias. No entanto, por ser um local muito popular, principalmente aos finais de semana, nem sempre conseguimos um lugar ideal, mas isso não impede que o ensaio seja produtivo.

Costumamos começar cedo, fazendo uma pausa para o almoço e para colocar as ideias pessoais e do grupo em dia – e isso sempre acontece dentro do próprio CCSP, para não perdermos o lugar! Após o intervalo, retornamos para finalizar o ensaio durante a tarde. Geralmente, conseguimos concluir uma coreografia em no máximo quatro ensaios. O primeiro dia é focado em unir as partes da coreografia que cada membro aprendeu individualmente em casa e ajustar as formações até o final da música. No segundo ensaio, realizamos a "limpeza" da coreografia. Se não conseguimos finalizar a limpeza em um único dia, agendamos um terceiro ensaio para garantir que tudo esteja perfeito para o dia da gravação.

O CCSP é um espaço bem popular entre os covers de K-pop, com muitos grupos ensaiando por lá. O Elysium, por exemplo, tem bons laços com outros colegas do ambiente, e frequentemente contamos com a ajuda mútua: seja para gravar vídeos ou para auxiliar em algo relacionado aos ensaios. No entanto, nem tudo é ideal. Infelizmente, há pessoas que se comportam de forma egoísta e se distanciam da verdadeira proposta de diversão e colaboração. Muitas vezes, surgem rivalidades desnecessárias, e algumas poucas pessoas ocupam grande parte do espaço, sem a empatia de dividir com outros grupos. Além disso, o volume excessivo das caixas de som, quando algumas pessoas deixam o som muito mais alto do que seria necessário, é uma questão que nos incomoda frequentemente. Embora essas situações aconteçam, procuramos lidar com paciência para não deixar que isso afete a qualidade do nosso ensaio.

6 - Quando vocês ensaiam, geralmente é para performar em algum lugar, ou às vezes vocês aprendem as coreografias só por diversão? Se isso acontece, existe alguma diferença na rotina desses ensaios?

Elysium: Geralmente, ensaiamos coreografias de K-pop recém-lançadas com o objetivo de postar no nosso canal do YouTube. Além disso, participamos de eventos e competições de grupos cover de K-pop em locais como fábricas de cultura e espaços culturais.

Dançar "por diversão" é algo que não fazemos muito, já que nossos ensaios acabam sendo mais sérios devido aos prazos estabelecidos em nosso cronograma. Isso nos permite nos preparar adequadamente para gravar o vídeo no dia agendado, garantindo que tudo saia conforme planejado. Mesmo assim, buscamos manter um ambiente leve e agradável para que todas se sintam bem durante os ensaios.

7 - A quanto tempo o grupo de vocês existe e como vocês analisam essa jornada?

Elysium: Diríamos que o grupo existe há 13 anos, mesmo que sob outro nome. A mudança para o nome atual ocorreu em 2019, mas a essência, os objetivos e a paixão pela dança permanecem os mesmos desde o início. Essa jornada tem sido longa, marcada por desafios inevitáveis, especialmente por ser uma arte que não traz recompensas imediatas e por exigir um equilíbrio constante com as responsabilidades da vida adulta. A maioria de nós começou nesse universo na adolescência, um período de descobertas, mas, com o tempo, as responsabilidades da vida adulta foram surgindo, exigindo que aprendêssemos a administrar melhor nosso tempo para manter vivo o grupo.

Ao longo desses 13 anos, aprendemos lições valiosas sobre trabalho em equipe, resiliência e adaptação às mudanças. Cada pessoa que passou pelo grupo deixou sua marca, positiva ou não, contribuindo de alguma forma para o que somos hoje. Apesar das dificuldades, sempre encontramos formas de nos reinventar e seguir em frente, perseguindo nossos objetivos com dedicação. Quando olhamos para nossa trajetória, sentimos muito orgulho das conquistas que alcançamos. No ano passado (2023), conseguimos algo incrível: subir ao pódio em uma competição pela primeira vez. Além disso, já tivemos a honra de aparecer em programas de grande alcance, como os da Globo, TV Aparecida e SBT. Esses momentos nos enchem de entusiasmo e nos motivam a continuar lutando por mais espaços e reconhecimentos no futuro.

8 - Teve algum momento na trajetória de vocês que representou uma superação?

Elysium: O Elysium enfrentou grandes desafios devido à pandemia, tendo que interromper os ensaios e encontros para evitar o risco da COVID-19. No início de 2020, estávamos extremamente engajadas no grupo, recebendo oportunidades de apresentações em eventos incríveis e desenvolvendo projetos muito bacanas. Porém, tudo foi por água abaixo quando a quarentena começou. Tentamos dar um novo rumo nas redes sociais, com vídeos gravados individualmente por cada uma, mas o resultado foi um verdadeiro desastre! Também tentamos ensaiar em estúdios alugados, mas isso também não deu certo.

Foi em 2022 que o Elysium finalmente retornou com força total. Conseguimos dar um grande impulso ao grupo, com a chegada de novos membros incríveis e a realização de diversos projetos frequentes para o nosso canal. Tivemos a honra de ser convidadas para uma matéria no Globo Repórter, onde nossa coreografia teve um destaque especial, e também participamos de um programa de variedades da TV Aparecida. Sem dúvida, 2022 foi um ano de superação, no qual conseguimos superar os obstáculos deixados pela pandemia e dar a volta por cima.

9 - Como é para você ensaiar no Centro Cultural? O espaço físico do CCSP é um bom lugar para os ensaios? Acham que algo com relação a ele poderia melhorar? O que esse espaço representa para vocês?

Elysium: Ensaiar no CCSP é bom, mas poderia ser melhor. O espaço é bastante frequentado, e a quantidade de grupos cover de K-pop utilizando caixinhas de som simultaneamente acaba gerando distrações para nós e dificultando nossa concentração. Em termos de melhorias, seria interessante que o CCSP disponibilizasse salas com espelhos (Eles já possuem, porém não temos acesso.)

Apesar dessas questões mencionadas, o CCSP representa muito para nós, sendo um ponto de encontro acessível e democrático para a prática de dança.

10 - Vocês já cogitaram parar em algum momento? Se sim, porquê?

Elysium: Sem dúvidas, todas nós já pensamos em parar, e isso não aconteceu apenas uma ou duas vezes, mas muitas. As dificuldades em conciliar os ensaios com a agenda pessoal, considerando que todas estudam e trabalham, muitas vezes afetam nossa disponibilidade. Além disso, a insatisfação com o próprio desempenho nas coreografias – aquela insegurança e falta de autoestima – também gerou momentos de desânimo. Não podemos negar que já houve discussões internas, que, em alguns momentos, alimentaram a vontade de deixar o grupo. No entanto, o Elysium está firme e forte desde 2019, e, apesar dos desafios, continuamos comprometidas em crescer e melhorar cada vez mais.

11 - Como vocês conciliam suas outras responsabilidades com a rotina de ensaios?

Elysium: Cada integrante tem sua própria rotina, o que inclui trabalho, faculdade e momentos de lazer. Conseguimos conciliar essas responsabilidades porque nossos ensaios acontecem todos os domingos, das 10h às 17h. Esse cronograma fixo nos ajuda a organizar a semana e deixar os outros dias livres para priorizar nossas obrigações pessoais.

De vez em quando, quando todas conseguem ajustar seus horários, também encaixamos ensaios aos sábados, o que ajuda a reforçar as coreografias ou nos preparar para apresentações/competições.

12 - Vocês precisam percorrer um trajeto muito grande das suas casas ao Centro Cultural? Podem contar um pouquinho sobre ele?

Elysium: Sim, principalmente a Brenda, que vem de Itaquaquecetuba, cerca de 35km de distância do CCSP. Fora isso, o acesso das outras integrantes é mais fácil, sendo nas regiões da Vila Sônia e São Judas.

13 - Tem algum grupo cover de K-Pop que é uma inspiração para vocês? Se sim, qual e porquê? E vocês sentem que são inspiração para outros grupos? Se sim, como é essa sensação?

Elysium: Sinceramente, não temos um grupo específico que nos inspire. Sabemos que existem grupos incríveis por aí – quando nos apresentamos em eventos, ficamos impressionadas com as apresentações de outros grupos, de deixar qualquer um de queixo caído. Porém, o Elysium dedica 100% do seu tempo e energia para o nosso próprio crescimento e evolução. Muitas vezes, acabamos tão focadas no nosso desempenho que não prestamos atenção nos outros grupos ao nosso redor. A nossa maior inspiração está mesmo nos grupos de K-pop. Sempre buscamos aprender com eles, utilizando suas performances como referência para melhorar cada vez mais.

Quanto à possibilidade de sermos uma fonte de inspiração para outros, acreditamos que sim, é possível. Como uma figura pública ativa nas redes sociais, sabemos que pode haver pessoas que nos admiram e nos usam como inspiração para seus próprios projetos. Pode ser uma ou duas pessoas (risos), mas, mesmo assim, é algo que nos deixa extremamente felizes e gratificados.

Além disso, nós mesmas já somos inspiração umas para as outras. O apoio mútuo dentro do grupo tem um valor imenso, e isso, por si só, já é uma fonte de motivação e crescimento constante para todas nós.

14 - Como vocês enxergam a cena cover de K-Pop no geral? E no Centro Cultural?

Elysium: A cena de covers de K-pop, de um jeito geral, é super diversa e cheia de talento, mas também tem seus altos e baixos. Tem muita gente talentosa se dedicando de verdade, mas também rola uma certa rivalidade, com algumas pessoas mais focadas em competir do que em ajudar umas às outras. Apesar disso, o que realmente brilha é o amor que todos têm pela música e pelas coreografias, e isso acaba sendo o mais importante.

No Centro Cultural, o cenário é parecido. É um lugar bem popular para ensaios, e muita gente de vários grupos acaba se encontrando lá. Mas, infelizmente, nem sempre rola aquela colaboração entre todos. Tem quem ocupe o espaço de forma egoísta ou que traga uma vibe mais competitiva do que amigável. Claro, também tem quem esteja ali para apoiar e compartilhar, mas a verdade é que não existe uma união tão forte entre todos os grupos. Mesmo assim, o CCSP é um bom lugar para ensaiar e se inspirar, apesar dos desafios que surgem no caminho.

15 - Com o passar do tempo, vocês notam alguma mudança na cena cover ou acham que ela tem se mantido?

Elysium: Demais, acho que a cena cover mudou bastante ao longo do tempo. Conforme o K-pop foi ganhando cada vez mais espaço e reconhecimento no mundo todo, os grupos covers naturalmente acompanharam essa evolução. Hoje em dia, vemos um número muito maior de grupos atuando como covers do que antigamente, e isso reflete diretamente no crescimento da comunidade e no interesse das pessoas. Além disso, sinto que a qualidade também aumentou, com os covers se tornando mais elaborados, seja nos figurinos, coreografias ou mesmo na produção dos conteúdos. Essa mudança mostra como o K-pop deixou de ser algo de nicho para se tornar um movimento global, impactando diretamente a cena cover.

16 - Quais vantagens você vê no CCSP que acham que não teriam em outro lugar?

Elysium: O CCSP criou um espaço único e muito bem estabelecido para os grupos de K-Covers. Apesar de lá também abrigar outras expressões artísticas, como teatro, samba, hip hop e b-boy, o número de pessoas que frequentam o lugar para ensaiar e se desenvolver no K-pop é impressionante e sem comparação. Isso faz do CCSP um ponto de encontro e um ambiente onde muitas pessoas desse meio se sentem acolhidas, cercadas por outras que compartilham a mesma paixão.

Além disso, a estrutura do edifício contribui muito para essa experiência. O espaço é amplo, bem aberto e ventilado, e conta com áreas espelhadas que facilitam o processo de ensaio. Esses espelhos são uma vantagem enorme para os K-Covers, pois permitem que eles se observem enquanto aprendem e aperfeiçoam as coreografias, seja para apresentações, gravações ou competições. É como se o CCSP fosse pensado para potencializar o trabalho e a dedicação dos grupos, o que torna o lugar tão especial e essencial para essa cena.

17 - De que forma a vivência de vocês no mundo cover influenciou em outras áreas das suas vidas?

Elysium: Fazer parte de um grupo cover traz muito aprendizado, especialmente no que diz respeito à responsabilidade e ao comprometimento. No nosso caso, cada integrante precisa se dedicar aos ensaios e seguir o cronograma para que tudo saia como planejado. É essencial que todos cheguem na hora, aprendam as coreografias e estejam preparados no dia da gravação, inclusive com os figurinos prontos. Essa organização acaba nos ensinando a levar o cover com seriedade, quase como se fosse um trabalho. Afinal, nosso objetivo é entregar algo de qualidade para o público, e isso exige bastante dedicação de cada um.

18 - O que vocês acham que o Centro Cultural São Paulo representa para nossa cidade?

Elysium: O Centro Cultural São Paulo é praticamente um grande centro de exposição para diversas formas de arte e cultura. Embora o K-pop seja muito presente e movimentado por lá, também há espaço para outras expressões, como b-boy, hip-hop, salsa, samba, vogue, entre outras. Além disso, o CCSP vai muito além da dança: conta com uma biblioteca incrível, exposições artísticas frequentes e até mesas de xadrez sempre disponíveis.

O espaço também é um ponto de encontro para quem busca estudar, seja arquitetura, direito, concursos públicos ou vestibulares. Ele acaba reunindo uma diversidade enorme de experiências, funcionando como um centro que mistura arte, educação e convivência. Acho que o CCSP representa um lugar onde diferentes culturas, conhecimentos e pessoas se conectam, fortalecendo a vida cultural e educacional da cidade.

19 - Caso tenha algo que queira compartilhar, dizer ou contribuir, algo a mais que queira falar, pode dizer aqui >.<

Elysium: Queremos agradecer muito pelo seu interesse em nos entrevistar e por nos dar a oportunidade de contribuir com o seu trabalho. Ficamos mega felizes em poder compartilhar um pouco da nossa experiência e ver o K-pop sendo reconhecido de forma tão especial. É muito importante para nós participarmos disso.

E desejamos que tudo dê certo para você no seu TCC! Qualquer coisa que precisar, estaremos aqui para ajudar. Muito sucesso nessa jornada!

Elysium Dance Team

Entrevista com o Diretor da K.Ö

entertainment

Lucas Jötten

1- Primeiramente conte um pouquinho sobre quem é você e o que é a K.Ö.

Jötten: Me chamo Lucas Jötten, tenho 30 anos e sou produtor cultural. Comecei a trabalhar com eventos e intervenções artísticas com 17, justamente com o objetivo de unir e potencializar comunidades. Foi a partir destes trabalhos despretensiosos que surgiu a K.O. Entertainment. Hoje atuamos como um coletivo que tem como objetivo democratizar o acesso ao lazer e a cultura com foco no público jovem. Boa parte dos nossos trabalhos é relacionado a dança e a cultura geek.

2 - Que cargo você ocupa dentro da K.Ö e a quanto tempo?

Jötten: Sou diretor e fundador da KO desde 2012!

3 - De onde veio a ideia de montar uma produtora cultural? Como foi esse processo?

Jötten: Aconteceu quase que por necessidade... Primeiro pela demanda não atendida pelo mercado de desenvolver espaços que fossem de encontro aos nossos interesses e valorizassem as pessoas que constituíam aquele movimento. Na época, nossa questão maior era sobre as competições e oportunidades para k-covers e as equipes que trabalham promovendo a cultura pop coreana no brasil. Tudo era feito de forma muito amadora e sem nenhum cuidado específico a esse público.

Depois, os projetos foram crescendo num nível que não dava mais para fazer com “um grupo de amigos” assinando com o CPF das pessoas. Principalmente para entrar em espaços maiores como o CCSP, precisávamos nos estruturar como empresa para atender as burocracias desses equipamentos e parceiros.

4 - Antes de você conhecer o K-Pop, qual era o contato que você tinha com a dança e atividades culturais no geral?

Jötten: Com dança, bem pouco. Era uma criança muito introvertida. Tinha mais contato com música, cantores num geral e peças de teatro.

Foi o K-Pop que me puxou pra esse mundo e moldou meus interesses como profissional. Hoje, me coloco como pesquisador de dança, sempre estudando mais sobre danças urbanas e folclóricas.

5 - Você lembra qual foi o primeiro evento que realizaram e o que te motivou a torná-lo realidade?

Jötten: O primeiro evento que organizei foi um flashmob na Paulista. Na época, os shows de kpop começaram a ser uma possibilidade e essa era uma forma dos fãs mostrarem sua relevância e interesse para as empresas coreanas.

A motivação pessoal minha também tornar real o que muitos só imaginavam. Mobilizar ensaios, montar a coreografia, áudio, alugar equipamentos e entender autorizações do espaço... Ver toda comunidade se unindo e trazendo pra realidade algo que estava na minha cabeça. Era literalmente juntar os amigos pra fazer algo legal.

6 - O que é preciso fazer para que os eventos aconteçam? Como é o processo? Quantas pessoas mais ou menos estão envolvidas no projeto?

Jötten: Primeiro pensamos numa proposta/projeto. A partir disso, entendemos o que é necessário para realizar essa ideia e começamos a definir as etapas, processos, fornecedores, parceiros... Com tudo do pré resolvido e confirmado, passamos para a divulgação e mobilização dos agentes chave para aquele evento ter um bom alcance. Depois seguimos para a realização/operação e encerramos com os pagamentos, relatórios, comunicações finais etc

Na KO somos umas 30 pessoas. Mas cada projeto varia o tamanho da equipe a depender da necessidade.

7 - Como é para você acompanhar esses eventos de perto depois de tudo estar pronto?

Jötten: Emocionante. Dinheiro de fato não foi o que me levou a trabalhar com isso hahah Foi a possibilidade de criar experiências, memórias e laços. É incrível ouvir de pessoas que foram nos nossos eventos 7 anos atrás e ainda tem aquele dia como um momento importante na vida delas.

8 - Que sentimentos a realização desses eventos te trazem? Qual é a parte que você mais gosta? E a que menos gosta?

Jötten: Satisfação, Triunfo. Gosto de ouvir as histórias do público e dos artistas depois que o evento termina.

A parte que menos gosto é a de levantar fundos financeiros para o evento acontecer e convencer as pessoas da relevância daquele trabalho.

9 - Você acha que teve algum aprendizado nesse processo? Se sim, qual?

Jötten: Muitos. Mas acho que o principal é estar atento ao que os outros podem te ensinar com pequenas palavras e ações despretensiosas. Seja no âmbito profissional ou pessoal. Eventos são sobre lidar com pessoas, então temos um ambiente riquíssimo para trocas neles.

10 - O que fez com que você quisesse trabalhar com grupos cover de K-Pop? Quando você descobriu esse universo cover? Como foi pra você, se relacionar com eles, mas de forma profissional? Como foi ver esses grupos crescendo nesse ambiente?

Jötten: Eu era cover e sentia falta de espaços e equipes mais estruturadas. Eu descobri esse universo em 2010 acho.

No início foi bem complicado se relacionar com eles porque muitos me viam como um colega. E nos eventos eu precisava me colocar como "autoridade" para que respeitassem o regulamento, horários, orientações etc. E ver essas pessoas crescendo nesse ambiente foi muito satisfatório. Amo ver pessoas que começaram a dançar nos meus eventos hoje sendo dançarinos/professores/coreógrafos... O meu trabalho continua a reverberar por eles.

11 - Você acha que a gestão do CCSP está atenta a essas pessoas? De que forma eles contribuem com esses grupos? Você acha que algo nessa relação poderia melhorar? Se sim, o que?

Jötten: De uma forma generalizada... Só existe movimentação por parte deles se a comunidade se organiza e cobra. O que poderia melhorar seria ter um canal mais transparente, acessível e aberto. Pela relevância da ocupação dos kpopers, esse diálogo deveria ser maior.

12 - De que forma você considera, que a vivência que a prática cover proporciona, influencia a vida dessas pessoas?

Jötten: Principalmente no social. É um espaço onde as pessoas podem se conectar com um outro grupo de amigos enquanto também se conectam com seu próprio corpo. Para muitos, o primeiro lugar seguro para experimentar novas dinâmicas e vivências. Já para os que desejam se profissionalizar na área da dança, o cover é uma possibilidade de aprendizado muito valiosa. Tanto pelo dia a dia, ensaios e convivência com seu grupo (que acontece num ballet também), quanto pelo contato com técnicas e estilos diversos presentes no kpop.

13 - O que você enxerga de diferenças e semelhanças na cena cover antigamente e agora? Você acha que a K.Ö influenciou nesse processo?

Jötten: Ainda estamos entendendo a cena pós pandemia, muita coisa mudou... Mas acho que agora as pessoas já tem mais acessos, a qualidade subiu, a cena como um todo evoluiu. E agora muitos dos ensaios são com objetivo de criar conteúdos online, antes só ensaiamos para apresentar em eventos mesmo. A semelhança acho que ainda se mantém sobre porque as pessoas começam a dançar kpop. Porque elas gostam, querem aprender a fazer aquela coreo com o corpo delas, querem ter aquele projeto com os amigos etc. Não existe um número relevante de pessoas que começa a fazer cover já pensando naquilo como ferramenta na profissionalização (mesmo que a pessoa já esteja vivendo isso em um processo paralelo).

Nossos eventos colocaram esses dançarinos em outro patamar. Com estruturas de palco, jurados renomados e internacionais, conectando covers das 5 regiões do Brasil... E com isso também aumentamos a cobrança em cima deles. Hoje, não só a qualidade nos palcos subiu, mas também esperam uma estrutura melhor por parte da produção (seja ela qual for). Ainda é uma atividade feita por amor, mas isso não quer dizer que não mereça atenção e cuidado. Até porque, quando se trata de eventos privados, essa atividade gera retorno financeiro.

14 - No seu ponto de vista, qual é a importância do CCSP para a cena cover?E para a cena cultural da cidade?

Jötten: A vergueiro era a casa dos kpopers, famosa entre a comunidade até internacionalmente. Como espaço público já frequentado por dançarinos, foi uma ocupação muito natural. Em questão de números e história, arrisco dizer que (depois dos b boys que já estavam lá antes), os kpopers foram a segunda comunidade mais presente e organizada do ccsp ao longo desses últimos 10 anos.

É incrível ver jovens saindo de casa para ocupar espaços públicos com atividades sociais, musicais e esportivas. E a dança é exatamente tudo isso. É emocionante pensar que essas pessoas saem de casa e acham soluções para realizar seu desejo de dançar a música que amam. Ainda tendo contato com outra cultura!

15 - Você acha que é possível afirmar que a prática cover que ocorre no CCSP promove uma experiência entre dança e cidade?

Jötten: Com certeza. São cidadãos interagindo entre si e usando espaços públicos de cultura. Inclusive, várias pessoas passam pelo ccsp para ver os dançarinos, trazendo uma outra leitura para aquele ambiente.

Outros acontecimentos espontâneos da cena artística da Dança no Centro Cultural São Paulo

Além das atividades organizadas pela instituição, observamos várias **apropriações espontâneas de espaços** pelos frequentadores. Diversas formas de dança, para além do K-pop como **street dance, hip hop e dança de salão** passaram a tomar conta do corredor e da praça central.

Da mesma forma que os grupos cover, o que favorece essa abundante ocupação dos locais de passagem e de convivência são os **grandes espaços vazios** que se estendem ao longo de sua arquitetura, deixando em aberto as **diferentes formas de habitá-los**.

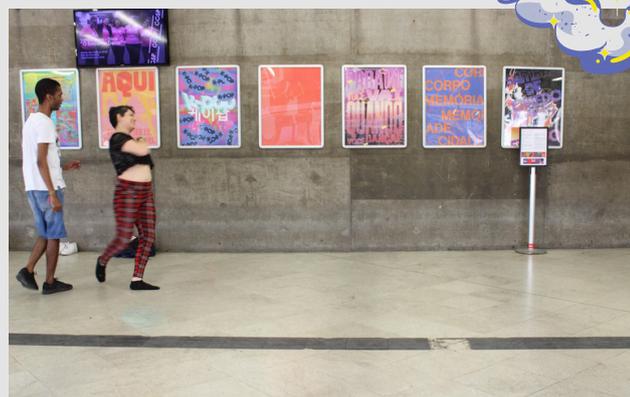
Para reconhecê-los no CCSP, basta se atentar às seguintes singularidades que cada um desses estilos desenha em sua arquitetura.



Fonte: Acervo Pessoal da Autora

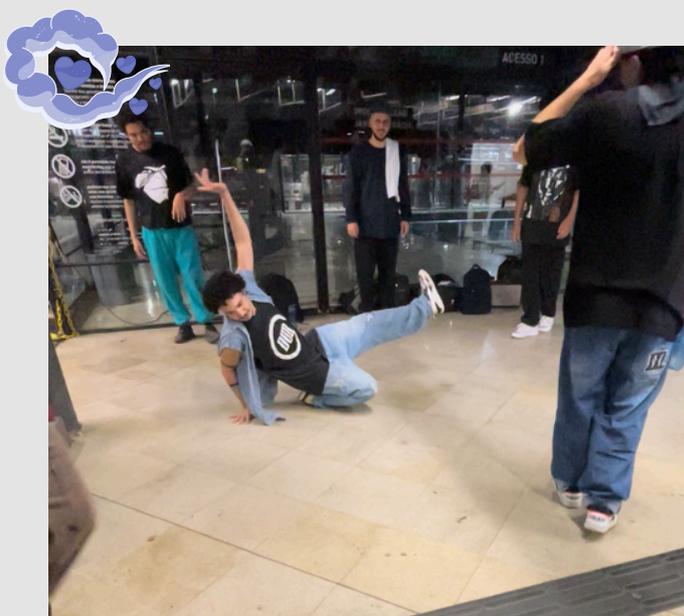
O **Street Dance**, entre os vários estilos de dança, o Street Dance se destaca como um dos mais populares atualmente, graças ao seu grande impacto social, à sua história recente e a sua aceitação nas áreas educacional, esportiva, midiática e de entretenimento. Ele foi importado dos guetos do Bronx e pode ser reconhecido pelos seus **movimentos coordenados e usualmente harmoniosos, com forte presença gestual**.

A **dança de salão** teve sua origem durante o Renascimento na Europa. Ela é considerada uma dança social porque é praticada por pessoas comuns em festas de confraternização, favorecendo o fortalecimento de várias relações como amizade, romance e laços familiares, entre outras. Além disso, foi nos salões das cortes reais europeias que esse estilo de dança ganhou prestígio e se espalhou pelo mundo, sendo levado para as colônias da América, Ásia e África. A dança de salão é um estilo de dança **em que os dançarinos, ao som de música, coordenam passos e movimentos em pares, respeitando as normas sociais sobre o contato entre si e com outros casais no salão**.

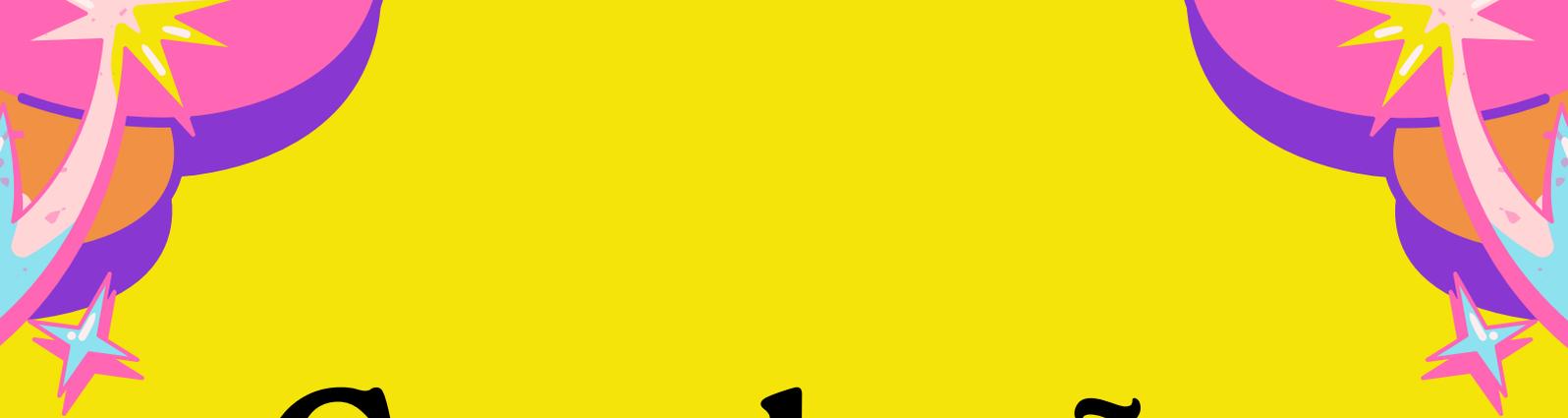


Fonte: Acervo Pessoal da Autora

O **hip hop** surgiu no final dos anos 1960, no bairro do Bronx, em Nova Iorque, nos Estados Unidos. Naquela época, os EUA estavam passando por um período pós-industrial, em que a maioria dos trabalhadores foram substituídos por máquinas. Essa situação resultou em muitos moradores, especialmente aqueles do bairro do Bronx, que é predominantemente negro, ficando sem empregos. Isso provocou um crescimento de gangues e conflitos, que se enfrentaram na luta pela sobrevivência. Por outro lado, muitos jovens se reuniam para organizar festas, onde tocavam, cantavam e dançavam nas ruas do Bronx. Eles se desafiavam na dança, na música e nas pinturas de muros, buscando oferecer a melhor apresentação. Essas festas começaram a ganhar força e os jovens foram organizando as competições e modalidades por expressões artísticas, a dança quebrada e robótica (break dance), o instrumentista com seu toca-discos (DJ), o cantor de rimas e animador da festa (mestre de cerimônia, MC que junto com o DJ compõe o RAP, que é a abreviação de rhythm and poetry ritmo e poesia), os responsáveis pelo visual plástico, pintando as paredes e murais (grafite). A Dança Hip Hop abrange uma ampla gama de estilos, entre os mais populares estão: **breaking**, é uma dança em que **se realizam manobras acrobáticas improvisadas ao ritmo da música tocada, locking, congelando a partir de um movimento rápido e “travando” em uma determinada posição**, mantendo essa posição por um curto período e depois continuando na mesma velocidade de antes, **popping, contraindo e relaxando rapidamente os músculos para criar um efeito de espasmo, e krumping, caracterizado por movimentos fortes e expressivos.**



Fonte: Acervo Pessoal da Autora



Conclusão

No livro *Arte e Cognição* (2012) organizado por Greiner e Katz, as autoras explicam que nos últimos dez anos, a compreensão de que o fluxo corpo-ambiente representava uma conexão política foi se fortalecendo, sobretudo a partir de autores como Michel Foucault, Giorgio Agamben, Roberto Espósito, Paolo Virno e Antonio Negri, entre outros. Tais bibliografias mostraram que corpomídia é sempre afetado por culturas, redes de poder, e um fluxo incessante de processos de criação.

Outro traço fundamental da teoria corpomídia é o fato de ser pensada coletivamente. Como explica Paolo Virno, lembrando o filósofo Gilbert Simondon, junto com o “eu falo”, há sempre um “fala-se”. E quando essa singularidade é a singularidade dos muitos (a multidão estudada por Antonio Negri e Michael Hardt), torna-se ainda mais potente. Este é o caso do k pop. Danças, músicas, entretenimentos, moda, comida etc, se organizam sempre coletivamente e o papel dos fãs é diferenciado. Eles não são apenas receptores, mas são eles que multiplicam e dão sentido à Onda.

As culturas bibliográficas costumam delimitar territórios e bloqueiam o acesso de estrangeiros a seus domínios, afirmam as autoras. Mas essa demarcação de geografias epistemológicas não permeáveis às contaminações culturais é inadmissível e quando falamos no k pop isso é ainda mais evidente. Quando falou-se em transcrição no decorrer dessa narrativa, a ideia foi pensar a potência da mímese e do replicar o outro no próprio corpo, o que implica sempre numa transcrição, sobretudo no trânsito entre Coreia e Brasil. Somo corpos distintos com comportamentos e hábitos distintos. Testar o corpo do outro, a voz do outro, no nosso corpomídia, é também criar novas caminhos de ser e viver.